

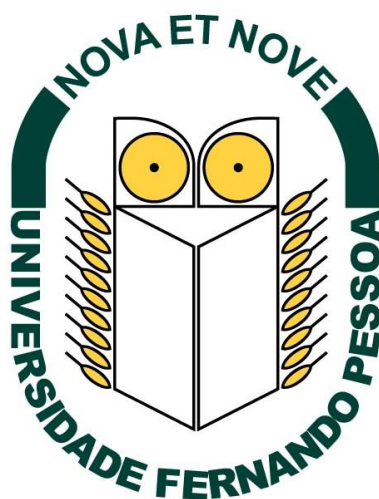
Ana Patrícia da Silva Santos



**VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES ÍNTIMAS JUVENIS: (DES)AJUSTAMENTO
PSICOSSOCIAL E ESTRATÉGIAS DE *COPING***

Universidade Fernando Pessoa
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Porto, 2016

Ana Patrícia da Silva Santos



**VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES ÍNTIMAS JUVENIS: (DES)AJUSTAMENTO
PSICOSSOCIAL E ESTRATÉGIAS DE *COPING***

Universidade Fernando Pessoa
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Porto, 2016

Ana Patrícia da Silva Santos

Assinatura: _____

VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES ÍNTIMAS JUVENIS: (DES)AJUSTAMENTO
PSICOSSOCIAL E ESTRATÉGIAS DE *COPING*

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Jurídica, sob orientação dos Professores Doutores Sónia Caridade e Jorge Cardoso.

Resumo

A violência nas relações íntimas juvenis (VRIJ) constitui uma problemática socialmente relevante, transversal a diferentes culturas e com potencial desestruturante no bem-estar dos jovens. Além disso, é igualmente sabido que a forma como as vítimas respondem a este tipo de abuso íntimo pode determinar a expressão e as dificuldades de ajustamento. Tendo por base esta realidade, a presente dissertação tem por objetivo geral caracterizar as vivências amorosas abusivas dos jovens adultos, o (des)ajustamento psicossocial daqueles que admitiram ter sofrido algum tipo de violência e as estratégias de *coping* que utilizam para fazer face ao impacto da VRIJ, com recurso ao Questionário de Vivências Amorosas Abusivas (QVAA) e ao Brief COPE. Para tal, recorreu-se a uma amostra intencional de 287 indivíduos, com idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos ($M=22.08$; $DP=1.69$). No total dos participantes envolvidos em relações amorosas, 13.9% dos jovens admitiram perpetrar atos abusivos contra o/a namorado/a, e 23.7% admitiram ter sido vítimas destes comportamentos, sendo a agressão psicológica a mais reportada tanto em termos de perpetração como de vitimação. Foi também possível verificar que as repercussões da VRIJ, nos jovens que admitiram a vitimação, se manifestam maioritariamente ao nível dos sentimentos e comportamentos, e que grande parte destes utilizam estratégias de *coping* do tipo ativo para lidarem com a situação.

A partir dos dados obtidos pretende-se aprofundar o conhecimento sobre o fenómeno da VRIJ, procurando tecer algumas considerações sobre as estratégias interventivas a adotar na intervenção com as suas vítimas.

Palavras-chave: relações juvenis, violência íntima, *coping*, impacto

Abstract

Violence in dating relationships is a relevant social problem across different cultures and groups with a destructing potential for youth well-being. Furthermore is also known that victims' responses to abuse can define their expression and adjustment difficulties. Based on this reality this thesis aims to characterize violent dating relationships, victims psychosocial (dis)adjustment and coping strategies used to deal with dating violence impact, using the Abusive Dating Experiences Questionnaire (QVAA) and the Brief COPE. We used an intentional sample of 287 individuals, aged between 18 and 25 years ($M=22.08$; $DP=1.69$). Considering participants involved in romantic relationships, 13.9% of participants admitted perpetrating violence against their partners and 23.7% were victims of these behaviors, and psychological aggression was the most reported by victims and perpetrators. It was also possible to verify that dating violence consequences for victims expressed mainly on feelings and behaviors, and most of them used active coping strategies to deal with the situation. Based on data obtained we pretend to increase knowledge about violence on dating relationships and make some considerations about strategies that can be used in intervention with victims.

Keywords: juvenile relationships, dating violence, coping, impact

Agradecimentos

Finda esta importante etapa do meu percurso académico, com altos e baixos, heis que chega a altura de prestar o meu agradecimento a todas as pessoas que contribuíram, de uma forma ou de outra, para cumprir este objetivo.

Em primeiro lugar, agradeço à Professora Sónia Caridade e ao Professor Jorge Cardoso, por toda a disponibilidade, orientação, compreensão e constante motivação prestados ao longo da execução desta dissertação. Muito obrigada por tudo!

A todos os participantes, por disponibilizarem parte do seu tempo a responder ao questionário e contribuírem para o desenvolvimento do estudo.

A todos os que contribuíram de alguma forma para a divulgação do estudo pelo maior número de pessoas, o meu profundo agradecimento.

Aos meus pais, pela educação, por me ensinarem que o esforço e a dedicação compensam sempre, e por me terem dado a oportunidade de frequentar um curso superior. É um privilégio ter-vos como pais!

Ao Pedro, por estar sempre do meu lado, mesmo quando sou insuportável. Pelo constante amor, apoio, pela confiança e cumplicidade. Um enorme obrigada!

Ao meu primo Carlos, que mesmo estando longe é um exemplo para mim. Obrigada por me apoiares e me deixares tão orgulhosa do Homem em que te tornaste!

À Joana, pelos vinte anos de amizade, por todos os momentos, conversas e desabafos. Gosto muito de ti sis.

À Salomé, à Margarida, ao David, ao Tiago, ao Diogo, ao Bruno e ao Joaquim, por me terem acompanhado ao longo dos anos, pela amizade e todos os momentos proporcionados. Obrigada a cada um de vós!

Ao Marcelo, por me mostrar que os verdadeiros amigos não necessitam de estar sempre presentes na nossa vida, pelos incentivos e conhecimentos partilhados.

Ao Diogo, por me obrigar a sair da minha zona de conforto, a pensar para além do óbvio e me mostrar que não devemos desistir do que realmente queremos. És o maior!

À minha família em geral, por me acompanhar no decorrer deste longo percurso.

A todas as pessoas que passaram pela minha vida e de alguma forma contribuíram para ser quem sou hoje.

Muito obrigada a todos, do fundo do coração!

Índice

Introdução Geral	1
Artigo 1.....	4
Violência nas relações íntimas juvenis e processos de <i>coping</i>	5
Resumo	5
Abstract.....	6
Introdução	7
VRIJ: Prevalência e Consequências nas Vítimas	8
Processos de <i>Coping</i> em Vítimas de VRIJ	13
Conclusão.....	18
Referências.....	20
Artigo 2.....	25
Des)ajustamento psicossocial e estratégias de <i>coping</i> em vítimas de violência nas relações íntimas juvenis (VRIJ): Estudo quantitativo	26
Resumo	26
Abstract.....	27
Introdução	28
Método.....	31
Amostra	31
Instrumentos	33
Procedimentos.....	35
Análise de Dados	35
Resultados	36
Prevalência de Comportamentos Abusivos Perpetrados e Sofridos	36
Comportamentos Abusivos e sua Relação com Idade e Género	37
Caraterização das Dinâmicas Abusivas Violentas.....	37
Caraterização do Ajustamento Psicossocial das Vítimas	38
Estratégias de <i>Coping</i> e Vitimação	41

Discussão	44
Conclusão.....	46
Referências.....	48
Conclusão Geral.....	52
Referências	54
Anexos.....	56

Índice de Tabelas

Tabela 1 <i>Caraterização sociodemográfica dos participantes</i>	32
Tabela 2 <i>Caraterização das vivências amorosas dos participantes</i>	33
Tabela 3 <i>Tipos de comportamentos perpetrados e sofridos</i>	37
Tabela 4 <i>Caraterização do ajustamento psicossocial das vítimas</i>	39
Tabela 5 <i>Associação entre o género e o ajustamento psicossocial das vítimas</i>	40
Tabela 6 <i>Estratégias de coping utilizadas pelas vítimas</i>	42
Tabela 7 <i>Associação entre o género e as dimensões de coping utilizadas pelas vítimas</i>	43
Tabela 8 <i>Associação entre a idade e as dimensões de coping utilizadas pelas vítimas</i>	43

Índice de Anexos

Anexo A

- Questionário sobre Vivências Amorosas Abusivas (QVAA)

Anexo B

- Protocolo de investigação

Lista de Acrónimos

APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

CIG – Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género

PTSD – Perturbação de Stress Pós-Traumático

SPSS – Statistical Package for the Social Sciences

UMAR – União de Mulheres Alternativa e Resposta

VRIJ – Violência nas Relações Íntimas Juvenis

Introdução Geral

A violência nas relações íntimas juvenis (VRIJ) tem vindo a alcançar grande visibilidade, tanto a nível social como científico, na medida em que atualmente é considerada um problema social merecedor de grande relevância (Callahan, Tolman, & Saunders, 2003). A investigação científica em torno desta temática focou-se, aproximadamente durante duas décadas, nas relações maritais/uniões de facto, e negligenciou outros contextos relacionais entre os quais a violência no namoro.

Em 1981 surge uma investigação pioneira desenvolvida por James Makepeace, com o objetivo de avaliar a prevalência e natureza do fenómeno da violência nas relações íntimas, onde se constatou que um em cada cinco estudantes universitários era afetado por esta problemática e 61% da amostra tinha conhecimento de jovens vítimas deste tipo de atos por parte do/a parceiro/a (Makepeace, 1981). Desde então tem-se assistido a um crescente desenvolvimento, tanto a nível internacional como nacional, da investigação científica relativamente ao fenómeno da violência na intimidade (Caridade & Machado, 2006; Caridade & Machado, 2013). Primordialmente, os estudos começaram por contemplar na sua maioria a violência física no contexto das relações íntimas, sendo que progressivamente foram incluindo outras tipologias de violência como o abuso psicológico, sexual e verbal (Hickman, Jaycox, & Aronoff, 2004).

A investigação científica realizada neste domínio tem vindo a comprovar que o abuso nos relacionamentos íntimos atinge níveis preocupantes entre jovens inseridos em diferentes contextos socioeconómicos, raciais e culturais (Caridade & Machado, 2013). Os dados provenientes de diversas investigações sugerem que os atos abusivos sofridos e/ou praticados pelos jovens poderão situar-se entre os 18% e 80% (Carter-Snell, 2015), sendo que se estima que, a nível mundial, um terço dos adolescentes e jovens adultos já tenha experienciado uma

ou mais situações de violência no namoro (Haynie, Farhat, Brooks-Russell, Wang, Barbieri, & Iannotti, 2013).

Efetivamente, tem sido demonstrado que a VRIJ poderá provocar alterações significativas na vida dos jovens, afetando todo o seu desenvolvimento. De forma mais específica, a violência no namoro tem sido associada a uma panóplia de consequências negativas para os jovens, entre as quais: depressão, consumo de substâncias, perturbação de stress pós-traumático (PTSD), comportamentos sexuais de risco e fraco desempenho académico (Carter-Snell, 2015; Shorey, Febres, Brasfield, & Stuart, 2012).

Concomitantemente, tem sido documentado que a forma como as vítimas respondem aos atos abusivos, e portanto o seu estilo de *coping*, pode determinar a expressão e as dificuldades de ajustamento (Straigh, Harper, & Arias, 2003), sendo que os indivíduos que vivenciam eventos traumáticos utilizam diferentes estratégias para lidar com as experiências abusivas (Gutner, Rizvi, Monson, & Resick, 2006). Pese embora a importância que o estilo de *coping* possa ter para melhor compreendermos como as vítimas lidam com a adversidade de que são alvo, e assim poder adequar o tipo de intervenção, a verdade é que são poucos os trabalhos neste domínio, no contexto português. A presente dissertação pretende precisamente dar um contributo neste âmbito, ao procurar não só proceder a uma revisão da literatura sobre o tema, mas também ao conduzir um estudo empírico que procura analisar o tipo de *coping* utilizado por jovens que admitiram ter sido alvo de violência nas suas relações íntimas.

A presente dissertação não assume o formato tradicional, tendo-se optado pela sua organização em artigos científicos, neste caso dois. Neste sentido, o primeiro artigo, de carácter teórico, caracteriza o estado da arte da investigação realizada em torno da VRIJ a nível internacional e nacional, em termos de prevalência, impacto no ajustamento psicossocial das vítimas e estratégias de *coping* utilizadas por estas. O segundo artigo trata-se de um estudo

empírico, que procurou analisar a prevalência da violência nos relacionamentos íntimos de jovens adultos, caracterizar as vivências amorosas abusivas destes, as repercussões no seu ajustamento psicossocial e ainda as estratégias de *coping* a que estes recorrem para fazer face ao impacto da violência, recorrendo a uma metodologia quantitativa. Neste último foram ainda descritas as limitações e contributos do estudo, tendo-se procurado traçar pistas para futuras investigações, e também para a prevenção e intervenção neste domínio.

Artigo 1

Violência nas relações íntimas juvenis e processos de *coping*

Violência nas relações íntimas juvenis e processos de *coping*

Ana Santos e Sónia Caridade

Universidade Fernando Pessoa

Jorge Cardoso

Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz

Resumo

Este artigo apresenta o estado de arte da investigação científica, ao nível internacional e nacional, em torno da violência no namoro relativamente à sua prevalência, consequências para as vítimas e processos de *coping* utilizados para fazer face ao impacto da violência. Os estudos de prevalência analisados revelam níveis de prevalência que variam entre 15% e 35% em termos de vitimação, e entre 21% e 31% ao nível da perpetração. O abuso psicológico é a forma de violência mais referida pelos jovens nos vários estudos analisados, em termos de vitimação e perpetração. Ao nível das repercussões da violência, os estudos referem que a vitimação se associa a consequências negativas para a saúde das vítimas, nomeadamente sintomatologia depressiva e PTSD. Verificou-se ainda que as estratégias de *coping* se constituem como importantes mediadores dos efeitos da violência, e contribuem para a adaptação psicológica dos indivíduos em situações de crise. Contudo, não existe consenso no que respeita à eficácia destas estratégias, e os estudos realizados centram-se nas vítimas de violência doméstica e de múltiplas experiências de vitimação. Realça-se assim a necessidade de desenvolver estudos nesta área.

Palavras-chave: relações juvenis, violência íntima, *coping*, impacto

Abstract

This article presents the state of art at international and national level in terms of dating violence prevalence, consequences for victims and coping strategies to deal with violence impact. Prevalence studies revealed rates that can range between 15% and 35% in terms of victimization and 21% and 31% at the level of perpetration. Considering violence consequences studies refereed that victimization is associated with negative consequences for victims' health, specially depression and PTSD. Coping strategies play an important role in mediation of dating violence effects and contribute to psychological adaptation in crisis. However, there is no agreement about the efficacy of these strategies and studies focus on victims of domestic violence and multiple victimization experiences. This results highlight the necessity to develop studies in this area.

Keywords: juvenile relationships, dating violence, coping, impact

Introdução

A adolescência desempenha um papel crucial na promoção de certas competências sociais e relacionais (Hickman, Jaycox, & Aronoff, 2004), as quais se afiguram de grande relevância no desenvolvimento da autonomia e identidade dos jovens (Caridade & Machado, 2006). Além disso é igualmente sabido que é também nesta fase desenvolvimental que se encetam os primeiros relacionamentos amorosos, existindo maior vulnerabilidade para os adolescentes experienciarem situações abusivas (Caridade & Machado, 2006), nem sempre identificadas como tal por aqueles.

Efetivamente, a investigação científica neste domínio tem vindo a comprovar que a violência nas relações íntimas atinge níveis preocupantes entre jovens inseridos em diferentes níveis formativos, socioeconómicos e raciais (Caridade & Machado, 2013). A título exemplificativo, um estudo recente conduzido por Sabina, Cuevas e Cotignola-Pickens (2016) junto de 574 adolescentes latinos, e concluíram que 18.93% dos participantes foram vítimas de violência no namoro, sendo que não se verificaram diferenças significativas entre o sexo masculino e feminino. A violência psicológica foi a mais reportada pelas vítimas (aproximadamente 15%), seguindo-se da violência física (6.84%) e sexual (5.21%). A nível nacional, a União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR) desenvolveu um estudo com 2500 jovens com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos, das cidades de Porto, Braga e Coimbra. Dos jovens que referiram já ter estado envolvidos numa relação – 59% da amostra total – foi possível observar que 8.5% foram vítimas de violência psicológica, 5% de violência física e 4.5% de violência sexual (UMAR, 2016).

A adoção de comportamentos agressivos nas relações amorosas juvenis tem sido associada a uma maior frequência e intensidade de conflitos, e também à incapacidade dos adolescentes para lidar com situações de stress inerentes às relações (Burk & Seiffge-Krenke, 2015).

Concomitantemente, a literatura tem vindo a comprovar que este tipo de abuso íntimo poderá introduzir alterações significativas na vida dos jovens, afetando todo o seu percurso desenvolvimental. De forma mais específica, a vitimação por violência nas relações íntimas juvenis (VRIJ) tem sido associada a diversas consequências negativas, entre as quais se destacam: problemas de consumo de substâncias, depressão, perturbação de stress pós-traumático (PTSD), pobre desempenho académico ou mesmo comportamentos sexuais de risco (cf. Carter-Snell, 2015; Shorey, Febres, Brasfield, & Stuart, 2012). Além disso, tem sido igualmente documentado que a forma como as vítimas respondem ao abuso – estilo de *coping* – poderá determinar a expressão e as dificuldades de ajustamento (Straight, Harper, & Arias, 2003). Não obstante, a verdade é que a literatura (sobretudo a produzida no contexto português) que tem procurado analisar as estratégias de *coping* que poderão mediar o impacto da vitimação íntima, é escassa. Os estudos publicados nesta matéria centram-se nas vítimas que sofreram múltiplas experiências de vitimação (Caridade, Matos, & Antunes, 2015).

Atendendo a todas estas evidências, no presente artigo começaremos por apresentar alguns dados atuais sobre a prevalência deste fenómeno, ao nível internacional e nacional. Procurar-se-á ainda apresentar e discutir as principais evidências científicas em torno das consequências da VRIJ no ajustamento psicossocial das suas vítimas, bem como caracterizar o estilo de *coping* adotado neste sentido. A concluir procuraremos tecer algumas considerações sobre a importância da promoção de um estilo de *coping* adequado.

VRIJ: Prevalência e Consequências nas Vítimas

Desde os anos 80 que o tema da violência nas relações íntimas juvenis tem vindo a ser objeto de inúmeros estudos, comprovando-se que esta é uma realidade entre muitos adolescentes e jovens, e com potencial impacto no seu desenvolvimento e bem-estar.

Ao nível internacional, nos Estados Unidos, Haynie, Farhat, Brooks-Russell, Wang, Barbieri e Iannotti (2013), realizaram um estudo com 2524 jovens, tendo verificado que 35% já tinham sido vítimas de violência no namoro e 31% já tinham perpetrado atos abusivos contra o parceiro. A violência psicológica foi a mais sofrida pelos participantes (21%), e também a mais relatada em termos de perpetração (21%).

Num estudo mais recente realizado no Brasil por Beserra, Leitão, Fernandes, Scatena, Vidinha, Silva e Ferriane (2015) com 643 adolescentes brasileiros, apurou-se que 19.2% já tinham sido agredidos pelo parceiro, sendo a violência verbal a mais referida pelos participantes (60.4%). Relativamente à perpetração, 22.7% afirmaram já ter agredido o/a namorado/a, sendo também a violência verbal a mais referenciada por estes (60.3%). Neste estudo, os autores levantaram a hipótese de que existiam diferenças de sexo em termos de vitimação e perpetração, tendo-se apurado que as raparigas assumiram maior perpetração de comportamentos abusivos (14.3%) comparativamente com os rapazes (7.6%), e estes últimos admitiram maior vitimação por VRIJ (18.5%) relativamente às raparigas (3%). Os autores verificaram ainda que 10.8% dos participantes eram simultaneamente vítimas e agressores.

No plano nacional, os resultados obtidos nos estudos realizados acerca do fenómeno são semelhantes aos que foram apurados no contexto internacional, apresentando níveis de prevalência preocupantes, ainda que oscilantes, de violência nas relações de namoro dos jovens portugueses. Num estudo realizado em 2003 por Machado, Matos e Moreira com estudantes universitários verificou-se que, 15.5% destes relataram ter sido vítimas de comportamentos abusivos por parte do parceiro, e 21.7% admitiram praticar este tipo de atos.

Machado, Caridade e Martins (2010), no seu estudo realizado com 4667 jovens dos 13 aos 29 anos, a frequentar diferentes níveis de ensino (secundário, universitário e profissional), verificaram que 25.4% dos participantes admitiram ter sido vítimas de pelo menos um ato

abusivo, enquanto 30.6% admitiram ter perpetrado atos violentos contra os seus parceiros. Relativamente aos diferentes tipos de violência sofridos e perpetrados pelos participantes nas suas relações íntimas, 19.5% foram vítimas de violência emocional, 13.4% de violência física e 6.7% de violência física severa. No que diz respeito à perpetração, 22.4% admitiram ter praticado violência emocional contra o parceiro, 18.1% violência física e 7.3% violência física severa. Não se verificaram diferenças de género estatisticamente significativas relativamente à vitimação, contudo no que diz respeito à perpetração esta foi assumida por um maior número de participantes do género feminino. Foi ainda possível comprovar que 20.9% dos jovens relataram ser simultaneamente vítimas e perpetradores deste tipo de condutas.

Uma investigação mais recente conduzida por Machado, Martins e Caridade (2014) comparou o fenómeno da violência nas relações de namoro e maritais. Apesar da violência no contexto marital ocorrer em maior percentagem (30.1% perpetração e 30.8% vitimação), verificaram-se índices de violência no namoro preocupantes, com 29.8% dos participantes a admitirem agredir o parceiro e 27.4% a relatarem ser vítimas destes comportamentos. Comprovou-se ainda que são as mulheres que mais frequentemente exercem violência sobre os parceiros (30.5%), sendo os homens as principais vítimas (30.4%).

A investigação realizada em torno do fenómeno da violência no namoro entre jovens vem contraditar a asserção de que o homem se constitui como perpetrador e a mulher como vítima (Caridade & Machado, 2006). Estudo recentes realizados a nível nacional (e.g., Machado et al., 2010; Machado et al., 2014) e internacional (e.g., Jain, Buka, Subramanian, & Molnar, 2010; Straus, 2008) sugerem que os rapazes poderão experienciar níveis mais elevados de vitimação, e que as raparigas perpetram mais comportamentos violentos contra o parceiro.

A violência nas relações amorosas pode constituir-se como um fator de risco para o aparecimento de perturbações psicológicas ou físicas, que resultam na deterioração da

qualidade de vida das vítimas (Paiva & Figueiredo, 2005). Os estudos realizados em torno das consequências, a curto e longo prazo, da violência nas relações de intimidade têm-se focado essencialmente na saúde física e psicológica das mulheres vítimas de violência, descurando desta forma as vítimas mais jovens e do sexo masculino (Glass, Fredland, Campbell, Yonas, Sharps, & Kub, 2003).

A violência nas relações de namoro tem sido frequentemente associada ao uso de substâncias, depressão, fraco desempenho académico, PTSD, comportamentos de automutilação, problemas de peso e comportamentos sexuais de risco (Burton, Halpern-Felsher, Rehm, Rankin, & Humphreys, 2013). Kaura e Lohman (2007) verificaram que existe uma associação significativa entre a vitimação por VRIJ, a satisfação nos relacionamentos e a saúde mental. Mais concretamente, as raparigas apresentam uma maior satisfação nas relações e também mais problemas de saúde mental quando comparado com os rapazes.

Exner-Cortens, Eckenrode e Rothman (2013) concluíram no seu estudo que, a violência nas relações de namoro está associada a consequências negativas no que diz respeito ao estado de saúde das vítimas. Especificamente, estes autores apuraram que as vítimas do sexo feminino apresentaram índices mais elevados no que diz respeito ao consumo episódico excessivo de álcool, sintomatologia depressiva, ideação suicida, consumo de tabaco, e vitimação nas relações de intimidade. Por sua vez, as vítimas do sexo masculino reportaram mais comportamentos antissociais, ideação suicida, consumo de drogas ilegais (marijuana) e vitimação nas relações íntimas.

Concomitantemente, Ackard, Eisenber e Neumark-Sztainer (2007) apuraram que a VRIJ estava associada a maiores riscos para a saúde dos jovens, particularmente a nível comportamental e psicológico, apresentando maior incidência nos jovens do sexo feminino. Noutro estudo realizado por Romito e Grassi (2007) constatou-se que as raparigas reportaram

mais sintomatologia relativa a ataques de pânico, enquanto os rapazes reportaram mais consumo excessivo de álcool.

No plano nacional, Santos e Caridade (no prelo) verificaram que a vitimação por VRIJ aparenta estar associada a um certo mal-estar psicológico, sendo que as raparigas admitiram maiores índices de tristeza, perda de apetite e indicadores de internalização (e.g., preferir estar sozinho/a, solidão) comparativamente aos rapazes.

Ainda que não seja consensual, alguns estudos (e.g., Lawrence, Yoon, Langer, & Ro, 2009) demonstram que a violência psicológica está frequentemente associada a um vasto leque de consequências negativas para o estado de saúde das vítimas, que vão muito para além dos efeitos causados pela violência física. Também a idade das vítimas parece estar associada a ansiedade, somatização e satisfação com as relações. Kaura e Lohman (2007) apuraram que quanto maior a idade das vítimas maior a ansiedade e somatização, e menor a satisfação relativamente aos relacionamentos.

Durante a adolescência, os indivíduos desenvolvem-se a nível físico, emocional e social, e têm experiências significativas que contribuem para a determinação dos seus percursos futuros. Os pares e a família têm, na maioria dos casos, um grande impacto no desenvolvimento e bem-estar psicológico dos adolescentes e determinam os recursos disponíveis para os adolescentes, que afetam as suas estratégias de *coping* (Callahan, Tolman & Saunders, 2003), as quais se afiguram de crucial importância para o retomar do equilíbrio emocional das vítimas.

As repercussões da violência nas vítimas não constituem, no entanto, um processo linear, uma vez que estas estão associadas a um conjunto de fatores que as poderão agravar ou atenuar. A existência de um historial anterior de vitimação, a frequência, duração e gravidade dos atos abusivos, os tipos de atos sofridos e a proximidade do agressor-vítima tendem a mediar as

consequências negativas da violência (Matos & Machado, 1999 citados por Caridade & Machado, 2006).

Processos de *Coping* em Vítimas de VRIJ

A literatura documenta que os indivíduos que experienciam eventos traumáticos recorrem a diferentes estratégias de *coping* para lidar com a experiência abusiva (e.g., Gutner, Rizvi, Monson, & Resick, 2006). Assim, analisar a forma como as vítimas de violência íntima se confrontam e enfrentam as experiências traumáticas permitirá compreender quais os fatores suscetíveis de representarem risco ou proteção para extrair informação útil a vários níveis. Esse conhecimento pode informar acerca do risco e dos fatores de proteção para o desenvolvimento de PTSD (muito recorrente em vítimas de crimes) e de outro tipo de psicopatologia. A sua pertinência justifica-se ainda pelo importante papel que o *coping* desempenha na adaptação psicológica dos indivíduos face à situação de crise, sendo que certos tipos *coping* poderão constituir-se importantes mediadores dos efeitos da violência (Green, Choi, & Kane, 2010). Assim, é possível identificar três fatores com potencial impacto no equilíbrio emocional do sujeito: i) a perceção do evento (abusivo), ii) o suporte situacional disponível; e iii) e os mecanismos de *coping* usados (Green et al., 2010). Mais concretamente, tem sido defendido que perante uma situação stressante, a avaliação e a interpretação realizadas pelo indivíduo depende em muito da forma como experiencia emocionalmente a situação (Green et al., 2010), e que a severidade e as consequências da vitimação não dependem tanto do dano causado, mas antes dos recursos individuais que a vítima tem para fazer face à experiência abusiva (Löbmann, Greve, Wetzles, & Bozold, 2003).

Neste sentido, falar de stress implica necessariamente falar de *coping*, ou seja, dos mecanismos que os indivíduos utilizam no confronto face à situação geradora de stress. Ao longo do tempo, a investigação sobre o *coping* tem sofrido alterações, tanto a nível teórico

como metodológico, dando origem a múltiplas definições relativamente ao conceito de *coping*, que influenciam diretamente o tipo de medida utilizada na avaliação do constructo. Folkman e Lazarus (1980, 1985), pioneiros na investigação sobre o *coping*, propuseram uma perspetiva ampla e integradora das variáveis envolvidas em situações onde os indivíduos necessitam de ativar o *coping*. Segundo estes autores estabelece-se uma relação de reciprocidade entre o indivíduo e o ambiente, em que um é afetado pelo outro.

O *coping* é então definido como um conjunto de esforços cognitivos e comportamentais, em constante mudança, utilizados pelos indivíduos para gerir, tolerar ou reduzir as exigências internas ou externas, quando estas são percebidas como excedendo os seus recursos individuais. O processo de *coping* implica observações/avaliações realizadas à luz do quadro referencial cognitivo-comportamental do indivíduo, bem como cognições e comportamentos de *coping* orientados para um contexto específico, sendo que estas estratégias se vão alterando no decorrer do período de confrontação com a situação geradora de stress (Folkman & Lazarus, 1984).

Estes autores propuseram ainda um sistema de classificação assente na taxonomia de *coping* focado na emoção versus *coping* focado no problema, sendo um dos mais referenciados e testados ao nível da literatura científica. O *coping* focado na emoção envolve esforços comportamentais para lidar com as emoções e regular o stress, e pode ser considerado adaptativo (e.g., reformulação cognitiva) ou maladaptativo (e.g., negação). O *coping* focado no problema (e.g., elaborar um plano de ação, procurar auxílio) diz respeito aos esforços cognitivos e comportamentais utilizados para regular o stress, e pode ser direcionado para o eu ou para o ambiente, sendo geralmente considerado uma forma adaptativa de lidar com o problema, uma vez que visam sempre a alteração da relação entre o indivíduo e o ambiente (Folkman & Lazarus, 1980).

Ambos os géneros de *coping* são utilizados na maioria das experiências causadoras de stress, contudo variam em proporção de acordo com a avaliação que o indivíduo faz da situação de stress na qual se encontra – o *coping* focado no problema assume maior protagonismo quando da avaliação resulta que algo poderá ser feito para modificar os atributos do meio, enquanto o *coping* focado na emoção predomina quando aparentemente nada poderá ser feito para os modificar. A eficácia das estratégias de *coping* está relacionada com o grau de associação entre a avaliação das possibilidades de controlo da situação e a extensão do controlo conseguido. Se uma situação controlável for percebida num registo de desafio, o *coping* focado no problema apresentam maiores probabilidades adaptativas, enquanto nas situações apreendidas pelos indivíduos como incontroláveis, o *coping* focado na emoção é habitualmente mais eficaz. Neste sentido, a adaptação psicológica dos indivíduos varia de acordo com a adequação do ajustamento entre as avaliações cognitivas e os mecanismos de *coping* utilizados (Folkman & Lazarus, 1985).

A literatura científica sobre o tema considera que o *coping* focado no problema constitui um estilo de *coping* adaptativo, enquanto o *coping* focado na emoção é considerado maladaptativo (e.g., Shorey et al., 2012). Ainda que a avaliação da eficácia destas estratégias não constitua uma questão consensual, no geral, tem sido documentado que o *coping* focado no problema constitui um estilo de *coping* adaptativo e com mais probabilidades de contribuir para um resultado emocional positivo, na medida em que o indivíduo desenvolve um sentido de controlo na resolução do problema (Green et al., 2010). Por sua vez, o *coping* focado na emoção surge percebido como sendo desadaptativo, algo já comprovado em vários estudos realizados com vítimas de violência íntima (e.g., Iverson, Litwack, Pineles, Suvak, Vaughn, & Resick, 2013; Shorey et al., 2012).

Lilly e Graham-Bermann (2010) referem que o *coping* focado na emoção se constitui como um moderador da associação entre a vitimação física e os sintomas de PTSD em mulheres vítimas de violência doméstica, sendo que quanto menos estratégias deste género forem utilizadas menos sintomatologia estas apresentam. Não será ainda de negligenciar as evidências empíricas (e.g., Coffey, Leitenberg, Henning, Bennett, & Jankowski, 1996 citados por Shorey et al., 2012) que atestam que as mulheres vítimas de violência tendem sobretudo a usar o *coping* focado na emoção e portanto, maladaptativo comparativamente com as não-vítimas.

Os resultados dos estudos realizados sobre o *coping* em vítimas de violência nas relações de intimidade têm-se demonstrado inconsistentes, podendo dever-se ao facto de os investigadores utilizarem diferentes definições e medidas das estratégias de *coping*. Kocot e Goodman (2003) examinaram a relação existente entre estratégias de *coping* focadas no problema e os sintomas de PTSD e depressão numa amostra de mulheres vítimas envolvidas em processos judiciais por violência doméstica, e verificaram que, contrariamente ao esperado, o recurso a este tipo de estratégias está associado a índices mais elevados de sintomatologia. Estes autores referem que é possível que o suporte social e os recursos disponíveis sejam cruciais para moderar a relação entre a utilização do *coping* focado no problema e os problemas de saúde mental, pelo que vítimas com menos recursos poderão não obter resultados positivos ao utilizar este tipo de estratégias.

Flicker, Cerulli, Swogger e Talbot (2012) realizaram um estudo com mulheres vítimas de violência nas relações de intimidade, tendo apurado que aquelas que utilizavam estratégias de *coping* de negação, autculpabilização e desinvestimento comportamental apresentaram maior probabilidade de vir a desenvolver sintomatologia depressiva e PTSD. Recentemente, num estudo realizado por Wong, Fong, Choi, Tiwari, Chan e Logan (2015), com mulheres vítimas e não-vítimas de violência na intimidade, constatou-se que as estratégias de *coping* focadas no

problema (e.g., *coping* ativo, suporte instrumental, planeamento) reduzem significativamente os problemas ao nível da saúde mental e medeiam o impacto da violência.

Conclusão

Ainda que a investigação em torno da VRIJ tenha aumentado consideravelmente nas últimas décadas, os estudos realizados não contemplam ainda todas as dimensões que este fenómeno engloba (Caridade & Machado, 2006).

Os estudos realizados neste domínio, tanto a nível internacional como nacional, têm demonstrado que a VRIJ atinge índices preocupantes entre adolescentes e jovens adultos de diferentes contextos socioeconómicos e raciais (Caridade & Machado, 2013), que variam entre 15% e 35% em termos de vitimação e entre 21% e 31% relativamente à perpetração (e.g., Beserra et al., 2015; Haynie et al., 2013; Machado et al., 2003; Machado et al., 2010; Machado et al., 2014; Sabina et al., 2016). Relativamente às tipologias de violência verifica-se que a violência psicológica é a mais referenciada pelos jovens, tanto ao nível da perpetração como da vitimação (e.g., Haynie et al., 2013; Machado et al., 2010).

A violência nas relações amorosas pode representar um fator de risco para o desenvolvimento de perturbações físicas e psicológicas nas vítimas, contribuindo para a deterioração da sua qualidade de vida (Paiva & Figueiredo, 2005). Nos estudos realizados acerca das consequências da VRIJ nos jovens foi possível verificar que a vitimação tem sido frequentemente associada à depressão, ao uso de substâncias, ao pobre desempenho académico, a comportamentos de automutilação, à PTSD, a problemas de peso e comportamentos sexuais de risco (Burton et al., 2013). Ainda que não seja uma questão consensual, alguns estudos apontam para um pior ajustamento psicossocial das raparigas comparativamente aos rapazes (e.g., Kaura & Lohman, 2007; Santos & Caridade, no prelo).

Tem sido documentado na literatura que os indivíduos utilizam diferentes estratégias de *coping* para fazer face ao impacto causado pelas experiências amorosas abusivas (e.g., Gutner, Rizvi, Monson, & Resick, 2006), pelo que sua análise permite a obtenção de informação útil

acerca do risco e fatores de proteção para o desenvolvimento de psicopatologias. Sabe-se que o *coping* desempenha um papel de extrema importância na adaptação psicológica dos indivíduos em situações de crise, na medida em que determinados tipos de *coping* poderão constituir-se como mediadores dos efeitos da violência nas vítimas (Green et al., 2010).

Não existe consenso relativamente à eficácia das estratégias de *coping* empregues pelas vítimas, contudo o *coping* focado no problema é considerado por muitos investigadores como sendo um estilo de *coping* adaptativo e com maiores probabilidade de resultar num estado emocional positivo (Green et al., 2010), enquanto o *coping* focado na emoção surge percebido como sendo desadaptativo (e.g., Shorey et al., 2013). Ainda assim, os estudos realizados, na sua maioria com vítimas de violência doméstica, referem que a utilização de estratégias de *coping* focadas na emoção aumenta a probabilidade de desenvolvimento de psicopatologia (e.g., PTSD, depressão) comparativamente ao uso de estratégias de *coping* focadas no problema (e.g., Lilly & Graham-Bermann, 2010; Wong et al., 2015).

Urge por isso o desenvolvimento de estudos que se centrem especificamente nas estratégias de *coping* que os jovens utilizam para lidar com a violência no namoro e na forma como cada tipo de estratégias afeta o ajustamento psicossocial destes.

Referências

- Ackard, D., Eisenberg, M., & Neumark-Sztainer, D. (2007). Long-term impact of adolescent dating violence on the behavioral and psychological health of male and female youth. *Journal of Pediatrics, 151*, 476-481.
- Beserra, M., Leitão, M., Fernandes, M., Scatena, L., Vidinha, T., Silva, L., Ferriane, M. (2015). Prevalência de violência no namoro entre adolescentes de escolas públicas de Recife/Pe – Brasil. *Revista de Enfermagem Referência, 4*(7), 91-99.
- Burk, W. J., & Seiffge-Krenke, I. (2015). One-sided and mutually aggressive couples: Differences in attachment, conflict prevalence, and coping. *Child, Abuse & Neglect, 50*, 254-266. doi: 10.1016/j.chiabu.2015.08.011
- Burton, C., Halpern-Felsher, B., Rehm, R., Rankin, S., & Humphreys, J. (2013). “It was pretty scary”: The theme of fear in young adult women’s descriptions of a history of adolescent dating abuse. *Issues in Mental Health Nursing, 34*(11), 803-813. doi: 10.3109/01612840.2013.827286
- Callahan, M. R., Tolman, R. M., & Saunders, D. G. (2003). Adolescent dating violence victimization and psychological well-being. *Journal of Adolescent Research, 18*(6), 664-681. doi: 10.1177/0743558403254784
- Caridade, S., Antunes, C., Matos, M. (2015). Multiple victimization female: Life stories, depression and coping strategies. *Revista Psicologia em Estudo, 20*(3), 495-506. doi: 10.4025/psicolestud.v20i3.25059
- Caridade, S., & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica, 4*, 485-493.
- Caridade, S., & Machado, C. (2013). Violência nas relações juvenis de intimidade: Uma revisão da teoria, da investigação e da prática. *Psicologia, 27*(1), 91-113.

- Carter-Snell, C. J. (2015). Youth dating violence: A silent epidemic. In M. Taylor, J. Poley, & R. Taylor (Eds.), *Overcoming domestic violence* (pp. 49-65). Nova Iorque: Nova Science Publishers.
- Exner-Cortens, D., Eckenrode, J., & Rothman, E. (2013). Longitudinal associations between teen dating violence victimization and adverse health outcomes. *Pediatrics, 131*(1), 71-78.
- Flicker, S., Cerulli, C., Swogger, M., & Talbot, N. (2012). Depressive and posttraumatic symptoms among women seeking protection orders against intimate partners: Relations to coping strategies and perceived responses to abuse disclosure. *Violence Against Women, 18*(4), 420-436. doi: 10.1177/1077801212448897
- Folkman, S., & Lazarus, R. S. (1980). An analysis of coping in a middle-aged community sample. *Journal of Health and Social Behavior, 21*(3), 219-239.
- Folkman, S., & Lazarus, R. S. (1985). If it changes it must be a process: Study of emotion and coping during three stages of a college examination. *Journal of Personality and Social Psychology, 48*(1), 150-170.
- Glass, N., Fredland, N., Campbell, J., Yonas, M., Sharps, P., & Kub, J. (2003). Adolescent dating violence: Prevalence, risk factors, health outcomes and implications for clinical practice. *JOGNN Clinical Issues, 32*, 227-238.
- Green, D. L., Choi, J. J., & Kane, M. N. (2010). Coping strategies for victims of crime: Effects of the use of emotion-focused, problem-focused, and avoidance-oriented coping. *Journal of Human Behavior in the Social Environment, 20*, 732-743. doi: 10.1080/10911351003749128

- Gutner, C. A., Rizvi, S. L., Monson, C. M., & Resick, P. A. (2006). Changes in coping strategies, relationship to the perpetrator and posttraumatic distress in crime victims. *Journal of Traumatic Stress, 19* (6), 813-823.
- Haynie, D., Farhat, T., Brooks-Russell, A., Wang, J., Barbieri, B., & Iannotti, R. (2013). Dating violence perpetration and victimization among U.S. adolescents: Prevalence, patterns, and associations with health complaints and substance use. *Journal of Adolescent Health, 53*, 194-201.
- Hetzel-Riggin, M. D., & Meads, C. L. (2011). Childhood violence and adult partner maltreatment: The roles of coping style and psychological distress. *Journal of Family Violence, 26*, 585-593. doi: 10.1007/s10896-011-9395-z
- Hickman, L. J., Jaycox, L. H., & Aronoff, J. (2004). Dating violence among adolescents: Prevalence, gender distribution and prevention program effectiveness. *Trauma, Violence & Abuse, 5*, 123-142.
- Iverson, K. M., Litwack, S. D., Pineles, S. L., Suvak, M. K., Vaughn, R. A., & Resick, P. A. (2013). Predictors of intimate partner violence revictimization: The relative impact of distinct PTSD symptoms, dissociation, and coping strategies. *Journal of Traumatic Stress, 26*, 102 - 110.
- Jain, S., Buka, S., Subramanian, S., & Molnar, B. (2010). Neighborhood predictors of dating violence victimization and perpetration in young adulthood: A multilevel study. *American Journal of Public Health, 9*, 1737-1744.
- Kaura, S., & Lohman, B. (2007). Dating violence victimization, relationship satisfaction, mental health problems, and acceptability of violence: A comparison of men and women. *Journal of Family Violence, 22*, 367-381. doi: 10.1007/s10896-007-9092-0

- Kocot, T., & Goodman, L. (2003). The roles of coping and social support in battered women's mental health. *Violence Against Women, 9*, 323-346.
- Lawrence, E., Yoon, J., Langer, A., & Ro, E. (2009). Is psychological aggression as detrimental that physical aggression? The independent effects of psychological aggression on depression and anxiety symptoms. *Violence and Victims, 24*, 20-35. doi:10.1891/0886-6708.24.1.20
- Lilly, M., & Graham-Bermann, S. (2010). Intimate partner violence and PTSD: The moderating role of emotion-focused coping. *Violence and Victims, 25*, 604-616.
- Löbmann, R., Greve, W., Wetzels, P., & Bosold, C. (2003). Violence against women: conditions, consequences and coping. *Psychology, Crime & Law, 9*(4), 309- 331.
- Machado, C., Caridade, S., & Martins, C. (2010). Violence in juvenile dating relationships self-reported prevalence and attitudes in a portuguese sample. *Journal of Family Violence, 25*, 43-52. doi: 10.1007/s10896-009-9268-x
- Machado, C., Martins, C., & Caridade, S. (2014). Violence in intimate relationships: A comparison between married and dating couples. *Journal of Criminology, 2014*, 1-9.
- Machado, C., Matos, M., & Moreira, A. (2003). Violência nas relações amorosas: Comportamentos e atitudes na população universitária. *Psychologia, 33*, 69-83.
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2005). Abuso no relacionamento íntimo e estado de saúde em jovens adultos portugueses. *International Journal of Clinical and Health Psychology, 5*(2), 243-272.
- Romito, P., & Grassi, M. (2007). Does violence affect one gender more than the other? The mental health impact of violence among male and female university students. *Social Science & Medicine, 65*, 1222-1234.

- Sabina, C., Cuevas, C., & Cotignola-Pickens, H. (2016). Longitudinal dating violence victimization among latino teens: Rates, risk factors, and cultural influences. *Journal of Adolescence, 47*, 5-15.
- Santos, M., & Caridade, S. (no prelo). Vivências amorosas em adolescentes: Das dinâmicas abusivas às consequências no seu (des)ajustamento psicossocial. *Psique*.
- Shorey, R. C., Febres, J, Brasfield. H., & Stuart, G. (2012). Male dating violence victimization adjustment: The moderating role of coping. *American Journal of Men's Health, 6*(3), 218-228. doi: 10.1177/1557988311429194
- Straight, E., Harper, F., & Arias, I. (2003). The impact of partner psychological abuse on health behaviors and health status in college women. *Journal of Interpersonal Violence, 18*(9), 1035-1054.
- Straus, M. (2008). Dominance and symmetry in partner violence by male and female university students in 32 nations. *Children and Youth Services Review, 30*, 252-275.
- UMAR (2016). *Relatório de imprensa: Dados violência no namoro 2016*. Lisboa.
- Wong, J., Fong, D., Choi, A., Tiwari, A., Chan, K., & Logan, T. (2015). Problem-focused coping mediates the impact of intimate partner violence on mental health among chinese women. *Psychology of Violence, 6*(2), 313-322.

Artigo 2

(Des)ajustamento psicossocial e estratégias de *coping* em vítimas de violência nas relações íntimas juvenis (VRIJ): Estudo quantitativo

Des)ajustamento psicossocial e estratégias de *coping* em vítimas de violência nas relações íntimas juvenis (VRIJ): Estudo quantitativo

Ana Santos e Sónia Caridade

Universidade Fernando Pessoa

Jorge Cardoso

Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz

Resumo

O presente estudo quantitativo teve como objetivos caracterizar as vivências amorosas abusivas dos jovens, o (des)ajustamento psicossocial das vítimas e as estratégias de *coping* utilizadas por estas, com recurso ao Questionário de Vivências Amorosas Abusivas (QVAA) e ao Brief COPE. A amostra final foi constituída por 287 participantes, com idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos ($M=22.08$; $DP=1.69$), sendo 80.8% raparigas e 19.2% rapazes. Os resultados demonstram que 13.9% perpetraram violência contra o/a namorado/a e 23.7% foram vítimas, sendo a agressão psicológica a mais referida pelos jovens, tanto ao nível da perpetração (41%) como da vitimação (24.2%). Foi ainda possível apurar que 65% dos jovens que admitiram perpetrar atos abusivos foram simultaneamente vítimas. Relativamente às consequências da violência estas manifestam-se principalmente ao nível dos sentimentos e comportamentos dos jovens, sendo que as estratégias de *coping* de tipo ativo são as mais referenciadas (77.9%) pelas vítimas para fazer face à violência. Os resultados reforçam a necessidade de promoção de um estilo de *coping* adequado para lidar com as experiências abusivas.

Palavras-chave: relações juvenis, violência íntima, *coping*, impacto

Abstract

The present quantitative study pretends to characterize violent dating relationships, victims psychosocial (dis)adjustment and coping strategies used, using the Abusive Dating Experiences Questionnaire (QVAA) and the Brief COPE. The sample consisted of 287 individuals aged between 18 and 25 years ($M=22.08$; $DP=1.69$), with 80.8% female and 19.2% male. The results show that 13.9% perpetrated dating violence against his/her partner and 23.7% have been victim of these behaviors, with psychological aggression presenting the most prevalent rates in terms of perpetration (41%) and victimization (24.2%). 65% of them admitted perpetrating abusive acts and being simultaneously victims. Regarding the consequences of dating violence we can conclude that they manifest mainly on feelings and behaviors of young people, and that active coping strategies were the most referred (77.9%) by them to deal with violence impact. The results of this study reinforce the need to promote an adequate coping style to deal with abusive experiences.

Key-words: juvenile relationships, dating violence, coping, impact

Introdução

A investigação científica sobre a temática da violência nas relações íntimas focou-se aproximadamente durante duas décadas nas relações maritais/uniões de facto, e negligenciou outros contextos relacionais, entre os quais a violência no namoro (Caridade & Machado, 2006; Caridade & Machado, 2013). Contudo existe unanimidade relativamente ao facto de que, a violência nas relações de namoro entre adolescentes e jovens adultos constitui uma problemática socialmente relevante e merecedora de atenção, uma vez que se trata de um fenómeno transversal a diferentes culturas e grupos étnicos (Caridade, 2011).

A título ilustrativo, Straus (2004) realizou um estudo com 8.666 indivíduos de 31 universidades de 16 países, com idades compreendidas entre os 18 e os 40 anos, no sentido de verificar a prevalência de violência física e física severa nas relações de namoro nos últimos 12 meses. Apurou-se então que, 29% da amostra já tinha exercido agressões físicas sobre os parceiros, e que aproximadamente 9.4% foi vítima de violência física severa. Num estudo mais recente, conduzido em Espanha por Fernández-Fuertes e Fuertes (2010), com 567 jovens com idades compreendidas entre os 15 e os 19 anos, verificou-se que 96.3% destes admitiram ter perpetrado atos de violência verbal-emocional contra os parceiros enquanto 95.4% relataram ter sido vítimas deste tipo de condutas. Ao nível da violência física, 24.3% referiram ter perpetrado atos desta natureza, e 21.7% admitiram ter sido vítimas.

No plano nacional, a União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR) realizou um estudo com 2500 jovens com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos, das cidades de Porto, Braga e Coimbra. Tendo em consideração os jovens que referiram já ter estado envolvidos numa relação – 59% da amostra total – apurou-se que 8.5% foram vítimas de violência psicológica, 5% de violência física e 4.5% de violência sexual (UMAR, 2016). Santos e Caridade (no prelo), no seu estudo realizado com 196 jovens com idades compreendidas entre

os 13 e os 20 anos residentes no concelho de Gondomar, verificaram que 27% dos participantes admitiram ter sido vítimas de pelo menos um ato abusivo por parte do/a namorado/a e 26.5% perpetraram este tipo de condutas contra o/a seu/sua companheiro/a.

A literatura em torno da temática tem vindo a comprovar que este tipo de abuso íntimo poderá introduzir alterações significativas na vida dos jovens, que afetam todo o seu percurso desenvolvimental. Especificamente, a vitimação por violência no namoro tem sido associada a diversas consequências negativas, nomeadamente: problemas de consumo de substâncias, depressão, perturbação de stress pós-traumático, pobre desempenho académico ou mesmo comportamentos sexuais de risco (cf. Carter-Snell, 2015; Shorey, Febres, Brasfield, & Stuart, 2012).

Tem sido igualmente documentado que a forma como as vítimas respondem ao abuso – estilo de *coping* – pode determinar a expressão e as dificuldades de ajustamento (Straight, Harper, & Arias, 2003). A literatura da especialidade (e.g., Gutner, Rizvi, Monson, & Resick, 2006) refere que os indivíduos que vivenciam eventos traumáticos utilizam diferentes estratégias de *coping* para lidar com a experiência abusiva. Neste sentido, torna-se pertinente analisar a forma como as vítimas enfrentam este tipo de experiências, uma vez que o *coping* desempenha um importante papel na adaptação psicológica dos indivíduos a situações de crise, podendo mesmo funcionar como mediador dos efeitos da violência. Assim, é possível identificar três fatores com potencial impacto no equilíbrio emocional do sujeito: i) a perceção do evento (abusivo), ii) o suporte situacional disponível; e iii) e os mecanismos de *coping* usados (Green, Choi, & Kane, 2010).

Ao longo do tempo, a investigação sobre o *coping* tem sofrido alterações a nível teórico e também metodológico, dando origem a múltiplas definições relativamente ao conceito, que influenciam diretamente o tipo de medida utilizada na avaliação do constructo. Folkman e

Lazarus (1980, 1985), pioneiros na investigação sobre o *coping*, propuseram uma perspetiva ampla e integradora das variáveis envolvidas em situações onde os indivíduos necessitam de ativar o *coping*. Neste sentido, é estabelecida uma relação de reciprocidade entre o indivíduo e o ambiente, sendo que um é afetado pelo outro. O *coping* define-se então como um conjunto de esforços cognitivos e comportamentais, em constante transformação, que são utilizados pelos indivíduos para gerir, tolerar ou reduzir as exigências internas ou externas, quando estas são percebidas como excedendo os seus recursos individuais.

Estes autores propuseram também um sistema de classificação assente na taxonomia de *coping* focado na emoção versus *coping* focado no problema, sendo um dos mais referenciados e testados ao nível da literatura científica. O *coping* focado na emoção envolve esforços comportamentais para lidar com as emoções e regular o stress, podendo ser considerado adaptativo (e.g., reformulação cognitiva) ou maladaptativo (e.g., negação). O *coping* focado no problema (e.g., elaborar um plano de ação, procurar auxílio) consiste nos esforços cognitivos e comportamentais que são utilizados para regular o stress, e pode ser direcionado para o eu ou para o ambiente, sendo geralmente considerado uma forma adaptativa de lidar com o problema, uma vez que visam sempre a alteração da relação entre o indivíduo e o ambiente (Folkman & Lazarus, 1980).

A avaliação da eficácia das estratégias de *coping* não constitui uma questão consensual na literatura, contudo na generalidade, tem sido documentado que o *coping* focado no problema constitui um estilo de *coping* adaptativo com maior probabilidade de contribuir para um resultado emocional positivo, na medida em que o indivíduo desenvolve um sentido de controlo na resolução do problema (Green et al., 2010). Por outro lado, o *coping* focado na emoção é entendido como sendo desadaptativo, algo que tem sido comprovado em diversos estudos com

vítimas de violência íntima (e.g., Shorey et al., 2012; Iverson, Litwack, Pineles, Suvak, Vaughn, & Resick, 2013).

Dada a inexistência de estudos em Portugal sobre esta temática, o presente estudo quantitativo teve como principal objetivo caracterizar as estratégias de *coping* utilizadas pelas vítimas para fazer face às repercussões da VRIJ. De forma mais específica pretendeu-se: i) conhecer e caracterizar as vivências amorosas abusivas dos adolescentes (e.g., tipo de abuso sofrido, contextos de ocorrência das dinâmicas abusivas, reações apresentadas pelos adolescentes e pedidos de ajuda); ii) caracterizar o (des)ajustamento psicossocial dos participantes que admitiram ter sofrido algum tipo de violência nas suas relações íntimas nos últimos 12 meses; iii) caracterizar as estratégias de *coping* utilizadas pelos participantes que admitiram ter sofrido algum tipo de violência nas suas relações íntimas nos últimos 12 meses; iv) analisar a relação entre certas variáveis sociodemográficas (e.g., sexo e idade), o abuso íntimo sofrido e o (des)ajustamento psicossocial; v) analisar a relação entre certas variáveis sociodemográficas (e.g., sexo e idade) e as estratégias de *coping* utilizadas.

Método

Esta investigação é de índole quantitativa e de cariz exploratório, transversal, descritivo e correlacional do fenómeno, sendo sustentada pela técnica do questionário.

Amostra

Para a realização desta investigação recorreu-se a uma amostra intencional constituída por jovens com idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos, que estivessem ou tenham estado envolvidos numa relação amorosa no último ano (critério de inclusão). A amostra final foi constituída por 287 participantes, dos quais 232 (80.8%) eram do sexo feminino e 55 (19.2%) do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos ($M=22.08$; $DP=1.69$) (cf. Tabela 1).

Relativamente à escolaridade dos participantes concluiu-se que 85.7% frequentavam formação superior, 8.4% frequentavam o 12º ano, 4.2% terminaram a sua formação superior e 0.4% frequentavam o 9º ano (cf. Tabela 1).

Quanto às suas vivências amorosas, 73.5% dos participantes referiram estar atualmente envolvidos numa relação amorosa e 26.5% indicaram ter estado envolvidos num relacionamento amoroso no último ano. No que se refere à duração do relacionamento atual, a maior parte dos participantes (21.6%) relatou que este apresenta uma duração compreendida entre dois (exclusive) e três anos. Considerando a duração da relação passada, a maior parte da amostra (32.4%) referiu que a relação teve uma duração compreendida entre seis meses e um ano (cf. Tabela 2).

Tabela 1

Caraterização Sociodemográfica dos Participantes

		Frequência relativa (%)	Frequência absoluta (n)
Sexo	Masculino	19.2	55
	Feminino	80.8	232
Idade	18	2.1	6
	19	6.6	19
	20	10.1	29
	21	12.9	37
	22	25.8	74
	23	24.0	69
	24	9.8	28
Ano de escolaridade	25	8.7	25
	9º Ano	0.4	1
	12º Ano	8.5	24
	Frequência de formação superior	86.9	246
	Formação superior concluída	4.2	12

Tabela 2

Caraterização das Vivências Amorosas dos Participantes

		Frequência relativa (%)	Frequência absoluta (n)
Estado da relação	Atualmente estou numa relação amorosa	73.5	211
	Atualmente não estou em qualquer relação amorosa, mas já estive no passado	26.5	76
Duração da relação atual	Menos de 6 meses	6.3	13
	Entre 6 meses e 1 ano	13.5	28
	>1 ano a 2 anos	19.2	40
	>2 anos a 3 anos	21.6	45
	>3 anos a 4 anos	14.4	30
	>4 anos a 5 anos	13.5	28
	Mais de 5 anos	11.5	24
Duração da relação passada	Menos de 6 meses	15.5	11
	Entre 6 meses e 1 ano	32.4	23
	>1 ano a 2 anos	25.4	18
	>2 anos a 3 anos	14.1	10
	>3 anos a 4 anos	4.2	3
	>4 anos a 5 anos	5.6	4
	Mais de 5 anos	2.8	2

Instrumentos

Para a realização desta investigação recorreu-se ao método do inquérito, suportado pela técnica do questionário. Assim, os instrumentos utilizados foram: o Questionário sobre Vivências Amorosas Abusivas (QVAA – Caridade & Santos, 2014) (cf. Anexo A) e o Brief COPE (Carver, Scheier, & Weintraub, 1989 traduzido e validado para a população portuguesa por Pais Ribeiro & Rodrigues, 2004).

O QVAA tem como objetivo conhecer as experiências de violência existentes nas relações amorosas, e o seu impacto na vida dos jovens. Este questionário é constituído por cinco secções: a primeira secção destina-se à caraterização sociodemográfica dos participantes (e.g., idade, sexo, ano de escolaridade), seguindo-se a caraterização da situação relacional (e.g.,

estado da relação, duração e tipo de relação); a terceira secção procura caraterizar o funcionamento pessoal e/ou familiar dos participantes (e.g., consumo de substâncias, experiências de vitimação passadas, violência em contexto familiar); a quarta secção destina-se à caraterização das vivências amorosas dos participantes (e.g., vitimação/perpetração de violência na intimidade, impacto da violência), e por último a secção relativa a sugestões (e.g., sugestões para outros jovens lidarem com situações de violência). Na presente investigação, a secção três relativa ao funcionamento pessoal e/ou familiar não será utilizada, uma vez que não se considerou ser relevante para os objetivos do presente estudo.

O Brief COPE trata-se de uma versão reduzida do COPE de Carver, Scheier e Weintraub (1989), e tem como objetivo avaliar estilos e estratégias de *coping*. É constituído por 28 itens agrupados em 14 dimensões: *coping* ativo (itens 2 e 7), planear (itens 14 e 25), reinterpretação positiva (itens 12 e 17), aceitação (itens 20 e 24), humor (itens 18 e 28), religião (itens 22 e 27), utilização de suporte emocional (itens 5 e 15), utilização de suporte instrumental (itens 10 e 23), autodistração (itens 1 e 19), negação (itens 3 e 8), expressão dos sentimentos (itens 9 e 21), uso de substâncias (itens 4 e 11), desinvestimento comportamental (itens 6 e 16) e autoculpabilização (itens 13 e 26). A resposta a cada um dos itens do questionário é feita através de uma escala ordinal com quatro alternativas (de 0 a 3), em que zero representa “nunca faço isto” e três representa “faço sempre isto”.

O estudo da consistência interna do instrumento, com recurso ao Alfa de *Cronbach*, apresentou resultados entre 0.55 e 0.84 (Pais-Ribeiro & Rodrigues, 2004). Neste estudo encontraram-se valores de consistência interna mais baixos comparativamente ao estudo de adaptação do instrumento para a população portuguesa, que variaram entre 0.19 e 0.68.

Procedimentos

Numa fase inicial foram solicitadas as autorizações aos autores dos instrumentos para a sua publicação e administração *online*. Após o pedido de autorização procedeu-se à elaboração do protocolo de investigação com a descrição do estudo para submissão à Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa. Obtida a autorização para a sua realização, foram disponibilizados numa plataforma *online* (*Google Docs*) os instrumentos e o consentimento informado para respetivo preenchimento. Solicitou-se a colaboração para a participação e divulgação do estudo através de contactos pessoais de e-mail (técnica de *snowball*) e redes sociais. A recolha de dados realizou-se entre dezembro de 2015 e fevereiro de 2016, ficando o questionário indisponível após esse período. No início do questionário foi feita uma descrição do estudo (objetivos, critérios de inclusão, confidencialidade e anonimato dos dados), e apresentado o consentimento informado para preenchimento. No final do questionário houve o cuidado de se disponibilizarem contactos de entidades de apoio à vítima (Associação de Apoio à Vítima – APAV e Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género – CIG), caso os participantes entendessem ser necessário recorrer para procurar algum tipo de apoio. Após o término da recolha de dados criou-se uma base de dados, com recurso ao programa informático *Statistical Package for Social Sciences* (IBM SPSS versão 23.0), onde foram inseridas as respostas dos participantes para se proceder posteriormente à sua análise.

A amostra final que foi considerada para análise incluiu apenas os questionários que cumpriam todos os critérios de inclusão acima descritos.

Análise de Dados

Os dados recolhidos nesta investigação foram sujeitos a análises estatísticas com recurso ao programa informático IBM SPSS versão 23.0. Através de análises estatísticas descritivas procedeu-se à caracterização sociodemográfica da amostra, das suas vivências amorosas

abusivas, impacto da violência e estratégias de *coping* utilizadas para lidar com este. Posteriormente realizaram-se análises estatísticas inferenciais, com recurso a testes não-paramétricos, para analisar a associação (ou não) entre algumas variáveis sociodemográficas, o (des)ajustamento psicossocial e as estratégias de *coping* utilizadas pelos participantes. A utilização de testes não-paramétricos deveu-se ao facto de não estarem cumpridos os pressupostos que conferem rigor estatístico aos testes paramétricos, mediante a análise da normalidade das distribuições.

Resultados

Prevalência de Comportamentos Abusivos Perpetrados e Sofridos

No conjunto dos participantes que referiram estar/ter estado envolvidos numa relação amorosa nos últimos 12 meses, 13.9% revelaram já ter utilizado algum tipo de conduta abusiva contra o/a atual ou antigo/a parceiro/a, e 23.7% admitiram ter sido vítima de atos abusivos por parte do/a namorado/a.

No que diz respeito aos diferentes tipos de violência verificou-se que, em termos de perpetração, a agressão psicológica foi a mais referida pelos participantes, tendo sido registada em 41% dos casos, seguindo-se a agressão física com 7.4%, e a agressão sexual com 3.9%. Relativamente à vitimação, a agressão psicológica foi a mais reportada por 24.2% da amostra, sendo igualmente a mais prevalente, seguindo-se a agressão sexual referida por 9.5% e a agressão física por 7.1% (cf. Tabela 3).

Foi, ainda, possível verificar que relativamente aos participantes que admitiram usar algum tipo de violência contra o/a parceiro/a, 65% destes consideraram-se simultaneamente vítimas deste tipo de condutas por parte do/a seu/sua namorado/a.

Tabela 3

Tipos de Comportamentos Perpetrados e Sofridos

		Frequência Relativa (%)	Frequência Absoluta (n)
Agressão	Psicológica	41.0	80
	Física	7.4	20
	Sexual	3.9	11
Vitimação	Psicológica	24.2	48
	Física	7.1	19
	Sexual	9.5	26

Comportamentos Abusivos e sua Relação com Idade e Género

Para verificar a existência de associação entre a experiência de vitimação e o género dos participantes que se identificaram como vítimas e/ou agressores recorreu-se ao teste de Qui-Quadrado, sendo que não se verificou existir uma associação estatisticamente significativa entre o género e a vitimação ($\chi^2 = 0.513$; $p = 0.474$) ou a perpetração ($\chi^2 = 0.520$; $p = 0.471$).

Mediante a aplicação do Coeficiente de Correlação de Ponto-Bisserial foi também possível constatar que, não existe uma associação estatisticamente significativa entre a idade dos participantes e a experiência de vitimação ($r_{pb} = 0.026$; $p = 0.665$) ou de perpetração ($r_{pb} = 0.016$; $p = 0.790$).

Caraterização das Dinâmicas Abusivas Violentas

Ao nível das reações aos comportamentos abusivos, os participantes que admitiram ter sido vítimas admitiram reagir das seguintes formas: tentar conversar com o/a namorado/a (54.4%), chorar/ficar triste (47.1%), sair/abandonar o local (33.8%), ficar sozinho/a (23.5%), defender-se (usando algum tipo de violência) e pedir ajuda (a amigos e/ou familiares) (22.1%). No que diz respeito às razões que levaram o parceiro a adotar comportamentos abusivos, 63.2% dos participantes referiram dever-se a características pessoais (e.g., agressividade, impulsividade), 57.4% a ciúmes, 23.5% a uma forma de controlo, 11.8% referiram o facto de

o/a namorado/a ter sido vítima de violência na infância/contexto familiar, 5.9% ao consumo de drogas ilegais e 4.4% ao consumo de álcool.

Verificou-se ainda que 67.6% da amostra referiu que os primeiros comportamentos abusivos foram utilizados pelo parceiro, e 76.5% associaram também a estes um maior uso deste tipo de condutas. No que diz respeito ao lugar onde aconteceram estes comportamentos, 69.7% dos participantes afirmaram que estes decorreram em privado, 18.2% em espaços públicos e 12.1% em ambos (tanto em público como em privado). Questionados acerca da presença de terceiros aquando da ocorrência das condutas abusivas, 96% referiram que estes não acontecem/aconteciam na presença de terceiros.

Uma percentagem relevante da amostra (63.3%) admitiu já ter ponderado terminar a relação, sendo que 56.1% referiram já o ter feito tendo havido uma posterior reconciliação. Considerando os participantes que admitiram nunca ter terminado a relação amorosa, as razões que os levaram a não colocarem um término à relação foram: o amor que nutrem pelo parceiro (75%), a esperança na mudança de comportamento do/a namorado/a (40.6%), o receio de sofrer retaliações/represálias (15.6%), vergonha de contar a situação (12.5%), manipulação psicológica/chantagem (9.4%), e o receio que não acreditassem nele/a (3.1%).

No que respeita a pedidos de auxílio verificou-se que somente 25% da amostra admitiu ter procurado ajuda, sendo que 52.9% recorreram à família, 47.1% a técnicos, 41.2% a amigos/pares e 11.8% à polícia.

Caraterização do Ajustamento Psicossocial das Vítimas

Analisando as repercussões da violência no ajustamento psicossocial dos participantes que admitiram ter sofrido algum tipo de violência nas suas relações íntimas, foi possível verificar que estas se manifestaram maioritariamente ao nível dos sentimentos e comportamentos. Assim, 82.4% referiram sentir-se tristes, 76.5% admitiram sentir-se irritados/com raiva, e

70.6% relataram preferir estar sozinhos/sentir-se sozinhos/ter dificuldade em adormecer (cf. Tabela 4).

Através do teste de Qui-Quadrado, foi analisada a associação entre o género dos participantes e os itens correspondentes ao ajustamento psicossocial, concluindo-se não existir uma associação estatisticamente significativa entre as variáveis (cf. Tabela 5).

Mediante o Coeficiente de Correlação Ponto-Bisserial apurou-se existirem correlações estatisticamente significativas entre a idade dos participantes e o seu ajustamento psicossocial, nomeadamente ao nível das dificuldades de atenção nas aulas e envolvimento em conflitos familiares. Assim, a dificuldade de atenção nas aulas está negativamente correlacionada com a idade ($r_{pb} = -.32, p = .008, p < 0.01$), pelo que menor dificuldade de atenção nas aulas está associada a idades mais jovens. Também o envolvimento em conflitos familiares está negativamente correlacionado com a idade ($r_{pb} = -.35, p = .003, p < 0.01$), sendo que um menor envolvimento em conflitos familiares está igualmente associado aos participantes mais jovens.

Tabela 4

Caraterização do Ajustamento Psicossocial das Vítimas

	Frequência Relativa (%)		Frequência Absoluta (n)	
	Nunca aconteceu	Já aconteceu	Nunca aconteceu	Já aconteceu
Dificuldade em realizar qualquer tarefa	39.7	60.3	27	41
Dificuldade de atenção nas aulas	36.8	63.2	25	43
Dificuldade de concentração nos estudos	30.9	69.1	21	47
Piores resultados académicos	48.5	51.5	33	35
Faltar às aulas	58.8	41.2	40	28
Preferir estar sozinho	29.4	70.6	20	48
Ter vergonha	45.6	54.4	31	37
Envolver-me facilmente em conflitos com amigos/colegas	58.8	41.2	40	28
Afastar-se dos amigos/colegas	39.7	60.3	27	41

Envolver-me em conflitos com a família	42.6	57.4	29	39
Afastar-me da família	54.4	45.6	37	31
Sentir-me triste	17.6	82.4	12	56
Sentir-me irritado/com raiva	23.5	76.5	16	52
Pensar acabar com a vida	72.1	27.9	49	19
Tentativas de pôr fim à vida	91.2	8.8	62	6
Consumir álcool para lidar com o sofrimento/esquecer os problemas	72.1	27.9	49	19
Ter sentimentos de culpa	42.6	57.4	29	39
Dificuldade em adormecer	29.4	70.6	20	48
Perder o apetite	47.1	52.9	32	36
Sentir-me sozinho	29.4	70.6	20	48

Tabela 5

Associação entre o Género e o Ajustamento Psicossocial das Vítimas

	χ^2	<i>p</i>
Dificuldade em realizar qualquer tarefa	1.000	.542
Dificuldade de atenção nas aulas	1.000	.629
Dificuldade de concentração nos estudos	1.000	.542
Piores resultados académicos	.190	.663
Faltar às aulas	.341	.256
Preferir estar sozinho	.719	.411
Ter vergonha	.450	.502
Envolver-me facilmente em conflitos com amigos/colegas	.751	.502
Afastar-se dos amigos/colegas	.099	.077
Envolver-me em conflitos com a família	.184	.115
Afastar-me da família	.000	.992
Sentir-me triste	1.000	.624
Sentir-me irritado/com raiva	.712	.508
Pensar acabar com a vida	.486	.365
Tentativas de pôr fim à vida	.579	.332
Consumir álcool para lidar com o sofrimento/esquecer os problemas	1.000	.635
Ter sentimentos de culpa	.747	.454
Dificuldade em adormecer	1.000	.589
Perder o apetite	.014	.907
Sentir-me sozinho	1.000	.589

Estratégias de *Coping* e Vitimação

Relativamente às estratégias de *coping* utilizadas pelas vítimas para fazer face à violência sofrida na intimidade, 77.9% assumiram usar estratégias de *coping* de tipo ativo (concentro os meus esforços para fazer alguma coisa que me permita enfrentar a situação; tomo medidas para tentar melhorar a situação), 70.6% de autodistração (refugio-me noutras atividades para me abstrair da situação; faço outras coisas para pensar menos na situação), 69.1% utilizaram estratégias de planeamento (tento encontrar uma estratégia que me ajude no que tenho de fazer; penso muito sobre a melhor forma de lidar com a situação), 61.8% de suporte social emocional (procuro apoio emocional de alguém; procuro o conforto e compreensão de alguém), 58.8% de autculpabilização (faço críticas a mim próprio; culpo-me pelo que está a acontecer) e de expressão de sentimentos (fico aborrecido e expresso os meus sentimentos; sinto e expresso os meus sentimentos de aborrecimento), 57.4% de reinterpretação positiva (tento analisar a situação de maneira diferente de forma a torna-la mais positiva; procuro algo positivo em tudo o que está a acontecer), 55.9% de aceitação (tento aceitar as coisas tal como estão a acontecer; tento aprender a viver com a situação), 52.9% de suporte instrumental (peço conselhos e ajuda a outras pessoas para enfrentar melhor a situação; peço conselhos e ajuda a pessoas que passaram pelo mesmo), 39.7% de humor (enfrento a situação levando-a para a brincadeira; enfrento a situação com sentido de humor), 32.4% de desinvestimento comportamental (desisto de me esforçar para obter o que quero; simplesmente desisto de tentar atingir o meu objetivo), 26.5% de religião (tento encontrar conforto na minha religião ou crença espiritual; rezo ou medito), 25% de negação (tenho dito para mim próprio “isto não é verdade”; recuso-me a acreditar que isto esteja a acontecer desta forma comigo) e 20.6% de uso de substâncias (refugio-me no álcool ou noutras drogas para me sentir melhor; uso álcool ou outras drogas para me ajudar a ultrapassar os problemas) (cf. Tabela 6).

Mediante o teste de Qui-Quadrado, para analisar a associação entre o gênero dos participantes e as dimensões do *coping* utilizadas, verificou-se que não existe uma associação estatisticamente significativa entre as variáveis (cf. Tabela 7).

Com recurso ao Coeficiente de Correlação Ponto-Bisserial apurou-se que não existe uma associação estatisticamente significativa entre a idade dos participantes e as estratégias de *coping* utilizadas por estes (cf. Tabela 8).

Tabela 6

Estratégias de Coping Utilizadas pelas Vítimas

Dimensões do <i>coping</i>	Frequência Relativa (%)	Frequência Absoluta (n)
<i>Coping</i> Ativo	77.9	53
Planear	69.1	47
Utilizar Suporte Instrumental	52.9	36
Utilizar Suporte Social Emocional	61.8	42
Religião	26.5	18
Reinterpretação Positiva	57.4	39
Autoculpabilização	58.8	40
Aceitação	55.9	38
Expressão de Sentimentos	58.8	40
Negação	25.0	17
Autodistração	70.6	48
Desinvestimento Comportamental	32.4	22
Uso de Substâncias	20.6	14
Humor	39.7	27

Tabela 7

Associação entre o Género e as Dimensões de Coping Utilizadas pelas Vítimas

Dimensões do <i>coping</i>	χ^2	<i>p</i>
<i>Coping</i> Ativo	.207	.696
Planear	1.306	.295
Utilizar Suporte Instrumental	.295	.744
Utilizar Suporte Social Emocional	.290	.737
Religião	.463	.714
Reinterpretação Positiva	2.364	.184
Autoculpabilização	.125	1.000
Aceitação	.010	1.000
Expressão de Sentimentos	.968	.341
Negação	.325	.718
Autodistração	1.627	.279
Desinvestimento Comportamental	.155	1.000
Uso de Substâncias	.359	.684
Humor	.181	.743

Tabela 8

Associação entre a Idade e as Dimensões de Coping Utilizadas pelas Vítimas

Dimensões do <i>coping</i>	r_{pb}	<i>p</i>
<i>Coping</i> Ativo	.009	.943
Planear	-.030	.809
Utilizar Suporte Instrumental	-.204	.096
Utilizar Suporte Social Emocional	-.049	.689
Religião	-.037	.763
Reinterpretação Positiva	.064	.603
Autoculpabilização	.096	.439
Aceitação	-.106	.388
Expressão de Sentimentos	.079	.522
Negação	-.193	.114
Autodistração	-.128	.300
Desinvestimento Comportamental	-.176	.152
Uso de Substâncias	-.133	.279
Humor	-.024	.846

Discussão

O presente estudo procurou conhecer e caracterizar as vivências amorosas abusivas dos adolescentes, o seu ajustamento psicossocial e as estratégias de *coping* utilizadas por estes para fazer face à violência sofrida na intimidade.

Relativamente à prevalência da violência nas relações de namoro, os dados apurados reforçam as conclusões de outros estudos, nacionais e internacionais, sobre o fenómeno (e.g., Machado, Caridade, & Martins, 2010; Machado, Matos, & Moreira, 2003; Sabina, Cuevas, & Cotignola-Pickens, 2016), sendo que de uma forma global se verificaram índices consideráveis de violência nas relações de intimidade juvenis, quer em termos de perpetração (13.9%) como de vitimação (23.7%). Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre o género dos participantes e a vitimação ou a perpetração, contrariamente ao que foi verificado no estudo de Sabina e colaboradores (2016) em que as raparigas admitiram perpetrar mais comportamentos abusivos nas relações amorosas comparativamente aos rapazes. Foi ainda possível constatar que, relativamente aos participantes que admitiram usar algum tipo de violência contra o/a parceiro/a, 65% destes consideraram ser simultaneamente vítimas e agressores deste tipo de condutas por parte do/a seu/sua namorado/a. Estes resultados assumem-se como mais elevados comparativamente aos que foram encontrados noutros estudos já realizados (e.g., Machado et al., 2010). Contudo, importa realçar que a interpretação dos resultados obtidos deverá ser feita de forma cautelosa, uma vez que os estudos utilizaram diferentes instrumentos para a recolha de dados. É também importante salientar que se verificou que muitos participantes, apesar de não se considerarem vítimas/agressores, admitiram sofrer/perpetrar determinados atos abusivos.

Os comportamentos abusivos mais referidos pelos participantes a nível da vitimação dizem respeito à violência psicológica (41%), verificando-se o mesmo em termos de perpetração

(24.2%), o que corrobora o que tem sido verificado em estudos internacionais (e.g., Fernández-Fuertes & Fuertes, 2010; Haynie, Farhat, Brooks-Russell, Wang, Barbieri, & Iannotti, 2013; Sabina et al., 2016) e nacionais (e.g., Machado et al., 2010; Paiva & Figueiredo, 2003).

Relativamente às razões que justificam a adoção de atos abusivos por parte do/a parceiro/a, as características pessoais (e.g., impulsividade, agressividade), o ciúme e o controlo foram os mais referenciados pelos participantes, o que vai de encontro ao que foi verificado noutros trabalhos (e.g., Fernández-Fuertes & Fuertes, 2010; Santos & Caridade, no prelo).

Ao nível das razões que levaram os participantes a manter os relacionamentos abusivos destacam-se o amor, a esperança na mudança de comportamento do/a namorado/a, o receio de sofrer retaliações/represálias, a vergonha de contar a situação, a manipulação psicológica/chantagem e por fim o receio que não acreditassem nele/a. Atendendo ao documentado na literatura (e.g. Roscoe & Callahan, 1983; Roscoe & Kelsey, 1986 citados por Glass, Fredland, Campbell, Yonas, Sharps, & Kub, 2003), poderá deduzir-se que os jovens continuam a interpretar os comportamentos abusivos por parte do/a parceiro/a como um ato de amor.

No que respeita a pedidos de auxílio verificou-se que apenas uma pequena parte da amostra (25%) admitiu ter procurado ajuda, sendo que 52.9% recorreram à família, 47.1% a técnicos, 41.2% a amigos/pares e 11.8% à polícia. Estes resultados vão ao encontro daqueles que foram encontrados por Ashley e Foshee (2005), onde os autores verificaram que 68% das vítimas não recorreram a qualquer tipo de auxílio para as situações de violência, sendo que as que o fizeram-no maioritariamente junto de familiares e amigos.

Considerando as repercussões da VRIJ no ajustamento psicossocial dos participantes apurou-se que estas se manifestaram maioritariamente ao nível dos sentimentos e comportamentos dos jovens, destacando-se: o sentimento de tristeza (82.4%); a irritação/raiva

(76.5%); preferirem estar sozinhos, sentirem-se sozinho e terem dificuldade em adormecer (70.6%). Resultados semelhantes foram encontrados por Ackard, Eisenberg e Neumark-Sztainer (2007), em que a VRIJ surge associada a maiores riscos para a saúde dos indivíduos, principalmente a nível psicológico e comportamental. Verificou-se ainda não existirem diferenças entre rapazes e raparigas no que diz respeito às consequências da violência íntima no seu ajustamento psicossocial, contrariamente ao que foi apurado noutros estudos (e.g., Romito & Grassi, 2007; Ackard et al., 2007) onde se verificou que as raparigas apresentaram pior ajustamento psicossocial face à VRIJ. Tendo em consideração a idade dos participantes, foi ainda possível constatar que os mais jovens tenderam a apresentar maiores dificuldades de atenção nas aulas e maior envolvimento em conflitos familiares.

Relativamente às estratégias de *coping* utilizadas pelas vítimas de VRIJ, no presente estudo apurou-se que os jovens recorreram maioritariamente a estratégias de *coping* de tipo ativo (77.9%), de autodistração (70.6%) e de planeamento (69.1%). Constatou-se ainda que não existe uma associação estatisticamente significativa entre o género dos participantes e as estratégias de *coping* utilizadas por estes, tendo-se verificado o mesmo para a idade.

Conclusão

O presente estudo procurou colmatar algumas lacunas importantes ao nível da investigação acerca do fenómeno da VRIJ, nomeadamente: a caracterização das estratégias de *coping* utilizadas pelas vítimas para fazer face às repercussões da violência no namoro. Pretendeu-se também prestar um contributo para o desenvolvimento de programas, quer ao nível da intervenção – na promoção de um estilo de *coping* adequado nas vítimas – quer da prevenção do fenómeno.

Contudo, este estudo apresenta algumas limitações. Desde logo devido ao facto de ser uma amostra por conveniência, registando-se um grande desequilíbrio amostral em termos de

género (80.8% raparigas e 19.2% rapazes). O recurso a instrumentos de autorrelato encerra também algumas limitações, nomeadamente no que diz respeito à desejabilidade social das respostas e à falta de controlo sobre o preenchimento dos mesmos. Neste sentido, e uma vez que a amostra não é representativa, tornar-se assim impossível extrair generalizações para a população portuguesa.

Não obstante, esta investigação acarreta implicações importantes para a prevenção do fenómeno, e também para a intervenção com este tipo de população. Tendo em conta as evidências científicas que comprovam as consequências negativas da utilização de estratégias de *coping* focadas na emoção no desenvolvimento de sintomatologia (e.g. PTSD) nas vítimas, torna-se por isso imperativo que, no apoio prestado se procure reduzir o uso deste tipo de estratégias, e se promovam estratégias consideradas mais adaptativas (estratégias de *coping* focadas no problema). Assim, é de extrema importância que os profissionais identifiquem e reforcem as estratégias desenvolvidas pelos jovens para lidar com este tipo de experiências abusivas, centrando-se nos recursos de que estes dispõem e nas suas competências (Caridade, Antunes, & Matos, 2015).

Assume-se por isso como urgente o desenvolvimento de estudos qualitativos que apostem numa exploração mais aprofundada das estratégias de *coping* utilizadas pelas vítimas para fazer face ao impacto da violência nas suas relações de intimidade, bem como da eficácia da promoção de um estilo de *coping* adequado no seu ajustamento psicológico.

Referências

- Ackard, D., Eisenberg, M., & Neumark-Sztainer, D. (2007). Long-term impact of adolescent dating violence on the behavioral and psychological health of male and female youth. *Journal of Pediatrics, 151*, 476-481.
- Ashley, O., & Foshee, V. (2005). Adolescent help-seeking for dating violence: Prevalence, sociodemographic correlates, and sources of help. *Journal of Adolescent Health, 36*, 25-31.
- Caridade, S. (2011). *Vivências íntimas violentas: Uma abordagem científica*. Coimbra: Almedina.
- Caridade, S., Antunes, C., & Matos, M. (2015). Vitimização múltipla feminina: Histórias de vida, depressão e coping. *Psicologia em Estudo, 20*(3), 495-506. doi: 10.4025/psicolestud.v20i3.25059
- Caridade, S., & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica, 14*(4), 485-493.
- Caridade, S., & Machado, C. (2013). Violência nas relações juvenis de intimidade: Uma revisão da teoria, da investigação e da prática. *Psicologia, 17*(1), 91-113.
- Carter-Snell, C. J. (2015). Youth dating violence: A silent epidemic. In M. Taylor, J. Poley, & R. Taylor (Eds.), *Overcoming domestic violence* (pp. 49-65). Nova Iorque: Nova Science Publishers.
- Folkman, S., & Lazarus, R. S. (1980). An analysis of coping in a middle-aged community sample. *Journal of Health and Social Behavior, 21*(3), 219-239.
- Folkman, S., & Lazarus, R. S. (1985). If it changes it must be a process: Study of emotion and coping during three stages of a college examination. *Journal of Personality and Social Psychology, 48*(1), 150-170.

- Fernández-Fuertes, A. A., & Fuertes, A. (2010). Physical and psychological aggression in dating relationships of Spanish adolescents: Motives and consequences. *Child Abuse & Neglect, 34*, 183-191.
- Glass, N., Fredland, N., Campbell, J., Yonas, M., Sharps, P., & Kub, J. (2003). Adolescent dating violence: Prevalence, risk factors, health outcomes and implications for clinical practice. *JOGNN Clinical Issues, 32*, 227-238.
- Green, D. L., Choi, J. J., & Kane, M. N. (2010). Coping strategies for victims of crime: effects of the use of emotion-focused, problem-focused, and avoidance-oriented coping. *Journal of Human Behaviour in the Social Environment, 20*, 732–743. DOI: 10.1080/10911351003749128
- Gutner, C. A., Rizvi, S. L., Monson, C. M., & Resick, P. A. (2006). Changes in coping strategies, relationship to the perpetrator and posttraumatic distress in crime victims. *Journal of Traumatic Stress, 19* (6), 813-823.
- Haynie, D., Farhat, T., Brooks-Russell, A., Wang, J., Barbieri, B., & Iannotti, R. (2013). Dating violence perpetration and victimization among U.S. adolescents: Prevalence, patterns, and associations with health complaints and substance use. *Journal of Adolescent Health, 53*, 194-201.
- Iverson, K. M., Litwack, S. D., Pineles, S. L., Suvak, M. K., Vaughn, R. A., & Resick, P. A. (2013). Predictors of intimate partner violence revictimization: The relative impact of distinct PTSD symptoms, dissociation, and coping strategies. *Journal of Traumatic Stress, 26*, 102 - 110.
- Machado, C., Matos, M., & Moreira, A. (2003). Violência nas relações amorosas: Comportamentos e atitudes na população universitária. *Psychologia, 33*, 69-83.

- Machado, C., Caridade, S., & Martins, C. (2010). Violence in juvenile dating relationships self-reported prevalence and attitudes in a Portuguese sample. *Journal of Family Violence*, 25, 43-52. doi: 10.1007/s10896-009-9268-x
- Pais Ribeiro, J. L., & Rodrigues, A. P. (2004). Questões acerca do coping: A propósito do estudo de adaptação do Brief COPE. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 5(1), 3-15.
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2003). Abuso no contexto do relacionamento íntimo com o companheiro: Definição, prevalência, causas e efeitos. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 4(2), 165-184.
- Romito, P., & Grassi, M. (2007). Does violence affect one gender more than the other? The mental health impact of violence among male and female university students. *Social Science & Medicine*, 65, 1222-1234.
- Sabina, C., Cuevas, C., & Cotignola-Pickens, H. (2016). Longitudinal dating violence victimization among Latino teens: Rates, risk factors, and cultural influences. *Journal of Adolescence*, 47, 5-15.
- Santos, M., & Caridade, S. (no prelo). Vivências amorosas em adolescentes: Das dinâmicas abusivas às consequências no seu (des)ajustamento psicossocial. *Psique*.
- Shorey, R. C., Febres, J, Brasfield, H., & Stuart, G. (2012). Male dating violence victimization adjustment: The moderating role of coping. *American Journal of Men's Health*, 6(3), 218-228. doi: 10.1177/1557988311429194
- Straight, E., Harper, F., & Arias, I. (2003). The impact of partner psychological abuse on health behaviors and health status in college women. *Journal of Interpersonal Violence*, 18(9), 1035-1054.
- Straus, M. A. (2004). Prevalence of violence against dating partners by male and female university students worldwide. *Violence Against Women*, 10, 790-811.

UMAR (2016). *Relatório de imprensa: Dados violência no namoro 2016*. Lisboa.

Conclusão Geral

O fenómeno da violência na intimidade juvenil tem vindo a ganhar maior visibilidade por parte da comunidade científica, ainda que as investigações realizadas se centrem maioritariamente na sua caracterização em termos de prevalência e tipologias dos atos abusivos. Não serão de descurar as evidências científicas que apontam para um impacto intergeracional da VRIJ, que poderá afetar tanto os relacionamentos atuais como futuros (Carter-Snell, 2015), ou até mesmo vir a constituir-se num fator de risco para a revitimação em futuras relações (Holmes & Sher, 2013 citados por Carter-Snell, 2015).

Esta investigação pretendeu então dar a conhecer, através de um estudo quantitativo, as vivências amorosas abusivas dos adolescentes e os contextos em que estas dinâmicas abusivas têm ocorrência, bem como proceder à caracterização do ajustamento psicossocial das vítimas e das estratégias de *coping* que estas empregam para reagir ao impacto dos comportamentos abusivos. De forma geral, verificou-se que a 13.9% dos jovens inquiridos já perpetraram violência contra os parceiros e 23.7% foram vítimas de VRIJ, sendo a agressão psicológica a mais referenciada tanto ao nível da perpetração como da vitimação (41% e 24.2% respetivamente). Importa também referir que 65% dos participantes que admitiram praticar atos abusivos consideram-se simultaneamente vítimas deste tipo de condutas, apontando para uma possível bidirecionalidade da violência.

Não será também de negligenciar o facto de muitos participantes não se terem considerado vítimas/agressores apesar de terem admitido sofrer/praticar comportamentos abusivos contra os/as namorados/as, o que poderá estar associado à existência de crenças e significações que legitimam a violência (Machado, Coelho, Saavedra, & Caridade, 2012). Verificou-se que a maioria dos participantes associaram a adoção de atos abusivos por parte do/a parceiro/a a características pessoais, tais como a impulsividade e a agressividade, e também a uma

manifestação de ciúmes. Outro dado preocupante que emergiu a partir da realização do estudo prende-se com o facto de apenas uma pequena parte da amostra (23%) ter procurado algum tipo de ajuda para fazer face às situações de violência na intimidade.

Através do estudo quantitativo foi também possível verificar que as repercussões da VRIJ no ajustamento psicossocial se manifestam essencialmente ao nível dos seus sentimentos e comportamentos – tristeza, irritação/raiva, solidão e dificuldade em adormecer – o que denota um certo mal-estar psicológico nos jovens que admitiram a vitimação. Ao analisar as estratégias que os participantes utilizam para dar resposta ao impacto da violência constatou-se que as estratégias de *coping* de tipo ativo, de autodistração e de planeamento foram das mais referenciadas por estes.

Deste modo, e apesar das limitações já referidas anteriormente, o presente estudo pretendeu prestar um contributo no aprofundamento do conhecimento relativamente ao fenómeno da VRIJ, com maior enfoque nas estratégias de *coping* que as vítimas empregam para lidar com o abuso, no sentido de extrair pistas para futuras investigações e para a intervenção com jovens envolvidos em relações amorosas abusivas. Importa ainda realçar a necessidade de desenvolver investigações de carácter longitudinal no sentido de aprofundar o conhecimento acerca do real impacto da VRIJ no ajustamento psicossocial das vítimas, e também estudos qualitativos que permitam uma maior compreensão das estratégias de *coping* que estas utilizam para dar resposta às situações de abuso.

Referências

- Caridade, S., & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica, 14*(4), 485-493.
- Caridade, S., & Machado, C. (2013). Violência nas relações juvenis de intimidade: Uma revisão da teoria, da investigação e da prática. *Psicologia, 17*(1), 91-113.
- Carter-Snell, C. J. (2015). Youth dating violence: A silent epidemic. In M. Taylor, J. Poley, & R. Taylor (Eds.), *Overcoming domestic violence* (pp. 49-55). Nova Iorque: Nova Science Publishers.
- Gutner, C. A., Rizvi, S. L., Monson, C. M., & Resick, P. A. (2006). Changes in coping strategies, relationship to the perpetrator and posttraumatic distress in crime victims. *Journal of Traumatic Stress, 19* (6), 813-823.
- Haynie, D., Farhat, T., Brooks-Russell, A., Wang, J., Barbieri, B., & Iannotti, R. (2013). Dating violence perpetration and victimization among U.S. adolescents: Prevalence, patterns, and associations with health complaints and substance use. *Journal of Adolescent Health, 53*, 194-201.
- Hickman, L. J., Jaycox, L. H., & Aronoff, J. (2004). Dating violence among adolescents: Prevalence, gender distribution and prevention program effectiveness. *Trauma, Violence & Abuse, 5*, 123-142.
- Machado, C., Coelho, C., Saavedra, R., & Caridade, S. (2012). Prevalência, significações e prevenção da violência nas relações juvenis de intimidade: Um projeto integrado de investigação. *Global Journal of Community Psychology Practice, 3*(4), 356-361.
- Makepeace, J. (1981). Courtship violence among college students. *Family Relations, 30*, 97-102.

Shorey, R. C., Febres, J., Brasfield, H., & Stuart, G. (2012). Male dating violence victimization adjustment: The moderating role of coping. *American Journal of Men's Health*, 6(3), 218-228. doi: 10.1177/1557988311429194

Straight, E., Harper, F., & Arias, I. (2003). The impact of partner psychological abuse on health behaviors and health status in college women. *Journal of Interpersonal Violence*, 18(9), 1035-1054.

Anexos

Anexo A



Universidade Fernando Pessoa
www.ufp.pt

QUESTIONÁRIO SOBRE VIVÊNCIAS AMOROSAS ABUSIVAS - QVAA

Sónia Caridade & Maria Rosa Santos, 2014 – Universidade Fernando Pessoa

Por favor, lê com atenção as instruções antes de começar o teu preenchimento e preenche apenas uma vez.

1. CARATERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA

1.1. Sexo: <input type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino	1.2. Idade _____ (anos)
1.3. Ano de Escolaridade: _____	1.5. Residência:
1.4. Área de estudos _____	Concelho: _____ Área:
1.6. Nacionalidade: _____	<input type="checkbox"/> Rural <input type="checkbox"/>
	Urbana

2. SITUAÇÃO RELACIONAL

Nesta secção pretendemos conhecer um pouco melhor a tua situação relacional, isto é, se estás ou não envolvido/a numa relação, ou se já estiveste no passado. Em caso afirmativo, gostaríamos ainda que indicasses há quanto tempo dura ou durou essa relação. Assinala, por favor, APENAS UMA das opções indicadas em 2.1.

2.1. Estado:	2.2. Tipo de relação:
<input type="checkbox"/> Atualmente, estou numa relação amorosa Indica o tempo de duração da mesma: _____	<input type="checkbox"/> Homossexual
<input type="checkbox"/> Atualmente, não estou em qualquer relação amorosa, mas já estive no passado Indica o tempo de duração da mesma: _____	<input type="checkbox"/> Heterossexual
<input type="checkbox"/> Nunca estive envolvido/a em qualquer relação amorosa (a tua colaboração termina aqui)	<input type="checkbox"/> Bissexual

3. FUNCIONAMENTO PESSOAL E/OU FAMILIAR

Assinala se já alguma vez estiveste envolvido/a em algum dos seguintes comportamentos e/ou situações:

3.1. Consumo de álcool: Não Sim: Se sim, indica:

3.1.1. Que bebida(s): _____

3.1.2. Quantidade consumida por dia de cada bebida: _____

3.2. Consumo de tabaco: Não Sim: Se sim, indica:

3.2.1. Quantidade de cigarros consumidos por dia): _____

3.3. Consumo de outras drogas: Não Sim: Se sim, indica:

3.3.1. Tipo(s) de drogas consumidas: _____

3.4. Ter sido alvo de algum tipo **de violência no passado**: Não Sim: Se sim, indica o tipo de violência sofrida:

3.4.1. Física: Indica por quem foi praticada: _____

3.4.2. Psicológica: Indica por quem foi praticada: _____

3.4.3. Sexual: Indica por quem foi praticada: _____

3.4.4. Outra (s) _____: Indica por quem foi praticada:

3.5. Ter assistido, visto e/ou ouvido algum tipo de violência (ex.: violência conjugal entre os seus pais) no **CONTEXTO FAMILIAR**: Não Sim: Se sim, indica:

3.5.1. Por quem foi praticada: _____

3.6. Ter assistido, visto e/ou ouvido algum tipo de violência (física, psicológica ou sexual) entre os teus **PARES/AMIGOS**: Não Sim: Se sim, indica:

3.6.2. Por quem foi praticada: _____

3.7. Ter assistido, visto e/ou ouvido algum tipo de violência na tua **ÁREA DE RESIDÊNCIA**:

Não Sim: Se sim, indica:

3.7.1. Por quem foi praticada _____

3.7.2. Tipo de violência _____

4. CARACTERIZAÇÃO DAS VIVÊNCIAS AMOROSAS

Nesta seção iremos passar a formular-te várias questões para conhecer as tuas vivências amorosas.

4.1. Nas tuas relações amorosas que manténs ou mantiveste, alguma vez **FOSTE ALVO** de algum tipo de violência (física, psicológica ou sexual) por parte do/a teu/tua namorado/a?

Não Sim

4.2. Nas relações amorosas que manténs ou mantiveste, alguma vez **USASTE** algum tipo de violência (física, psicológica ou sexual) contra o/a teu/tua namorado/a?

Não Sim

4.3. Se respondeste afirmativamente a alguma das questões anteriores, e pensando na relação amorosa que tiveste no **ÚLTIMO ANO**, indica a partir da lista de comportamentos que se segue, aqueles de que FOSTE ALVO por parte do/a teu/tua namorado/a e os que este/a USOU para contigo. Assinala **TODAS** as opções que se verificarem.

	Já recebi/sofri			Já usei		
	Nunca aconteceu	Uma vez	Mais do que uma vez	Nunca aconteceu	Uma vez	Mais do que uma vez
Insultar						
Ameaçar (ex.: de uso de violência)						
Gritar para assustar						
Chantagear (ex.: “de que o/a irias deixar, se não fizesse o que lhe pedi”)						
Impedir de ter amigos/as ou de falar com eles/as ou falares com outros/as amigos/as						
Impedir de sair com os/as amigos/as						
Impedir o uso de determinadas roupas						
Dar estaladas						
Atirar com objetos						
Puxar os cabelos						
Empurrar						
Dar pontapés						
Apertar o pescoço						
Perseguir e vigiar os movimentos do/a namorado/a						
Revistar o telemóvel e/ou a mochila						

Controlar o email ou redes sociais do/a namorado/a						
Dar beijos forçados ou forçar a beijar						
Pressionar para ter relações sexuais						
Forçar a ter atos sexuais contra a vontade						
Outros: _____						

4.4. Se assinalaste ter SIDO ALVO DE algum dos comportamentos listados no quadro anterior, irás agora encontrar um conjunto de outras questões.

Responde, pensando na relação que foi mais significativa para ti. Assinala todas as opções que se verificarem no teu caso.

4.4.1. Habitualmente, como reagias a esses comportamentos usados pelo/a teu/tua namorado/a?

- Procurava defender-me (fazendo uso de algum tipo de violência)
- Saía/abandonava o sítio onde estava
- Pedia ajuda a amigos e/ou familiares
- Ficava sozinho/a
- Chorava/ficava triste
- Tentava conversar com o/a meu/minha namorado/a
- Outros: _____

4.4.2. No teu entender, o que é que levava/leva o teu/tua namorado/a ter estes comportamentos para contigo?

- Ciúmes
- Infidelidade
- Características pessoais do teu/tua namorado/a (ex.: impulsividade, agressividade)
- O facto de o/a teu/tua namorado/a ter sofrido violência na infância/contexto familiar
- Consumo de álcool
- Consumo de outras drogas ilegais
- Para me controlar
- Outros: _____

4.4.3. Quem usou, pela primeira vez, algum daqueles comportamentos?

- Eu O/a meu/minha namorado/a Não sei/não me lembro

4.4.4. Habitualmente, quem é que usava mais aqueles comportamentos?

- Eu O/a meu/minha namorado/a Não sei/não me lembro

4.4.5. Habitualmente, onde aconteciam/acontecem os comportamentos?

Espaços públicos (rua, escola) Em privado (na tua casa ou casa dele/a) Outros locais (identifica): _____

4.4.6. Geralmente, os comportamentos acontecem/aconteciam na presença de terceiros

Não Sim

4.4.6.1. Indica quem estava presente: _____

4.4.7. Se ainda estás na relação amorosa, já alguma vez pensaste em terminar a tua relação amorosa?

Não Sim

4.4.8. Já alguma vez terminaste a tua relação amorosa, tendo havido posteriormente reconciliação?

Não Sim

4.4.8.1. Quantas vezes aconteceu: _____

4.4.9. Se nunca abandonaste a tua relação, quais os motivos para tal?

- Por amor
- Receio que não acreditassem em mim
- Receio de sofrer retaliações/represálias por parte do/a namorado/a
- Acreditar/ter esperança na mudança do/a namorado/a
- Manipulação psicológica/chantagem
- Vergonha (em contar a situação em que te encontravas)
- Outros: _____

4.4.10. Já alguma vez procuraste algum tipo de ajuda/apoio:

Não Sim

4.4.10.1. Junto de quem: _____

4.5. IMPACTO das vivências amorosas

Irás agora encontrar um conjunto de afirmações sobre o impacto que a vivência daqueles comportamentos tiveram na tua vida.

Lê **atentamente** as frases que se seguem e exprime a tua opinião em relação a cada uma delas, colocando um **(X)** na opção que melhor descreva a tua situação.

Indica em que medida, nos últimos 12 meses, já apresentaste algum dos seguintes sentimentos/pensamentos/comportamentos:	1. Nunca	2. Raramente	3. Algumas vezes	4. Muitas vezes	5. Sempre
Dificuldade em realizar qualquer tipo de tarefa/atividade					
Dificuldade em estar atento/a nas aulas					
Dificuldade em me concentrar nos estudos					
Ter piores resultados escolares/académicos (ex.: baixar as notas)					
Faltar às aulas					
Preferir estar sozinha/o					
Ter vergonha					
Envolver-me facilmente em conflitos com os amigos e/ou colegas					
Afastar-me dos amigos e/ou colegas					
Envolver-me facilmente em conflitos com a família					
Afastar-me da família					
Sentir-me triste					
Sentir-me irritado/a, com raiva					
Pensar em acabar com a vida					
Alguma tentativa para pôr fim à própria vida					
Consumir álcool para lidar com o sofrimento e/ou esquecer os problemas					
Consumir outras drogas para lidar com o sofrimento e/ou esquecer os problemas					
Ter sentimentos de culpa					
Dificuldade em adormecer					
Perder o apetite					
Sentir-me sozinha/o					
Outros: _____					

5. SUGESTÕES

5.1. Que sugestões gostarias de deixar para outros jovens que se confrontem com este tipo de situações/problemas?

Muito obrigada pela tua colaboração!!!

CONFIDENCIAL

Anexo B



Universidade Fernando Pessoa

www.ufp.pt

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Ana Patrícia da Silva Santos

33033@ufp.edu.pt

(Des)ajustamento psicossocial e estratégias de *coping* em vítimas de violência nas relações íntimas juvenis

Projeto de investigação apresentado à Universidade Fernando Pessoa como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Jurídica, sob orientação da Professora Doutora Sónia Caridade e a coorientação do Professor Doutor Jorge Cardoso.

Pertinência e atualidade do tema

Sabe-se que a adolescência constitui um período de desenvolvimento de extrema importância na aprendizagem de competências sociais e relacionais saudáveis (Hickman, Jaycox, & Aronoff, 2004), necessárias à autonomia e definição de identidade dos sujeitos (Caridade & Machado, 2006). É também neste período que emergem os primeiros padrões de violência na intimidade, sendo por isso considerada uma fase de grande vulnerabilidade à ocorrência de violência nas relações íntimas (Caridade & Machado, 2006).

A investigação científica sobre a temática da violência nas relações íntimas focou-se, aproximadamente durante duas décadas, nas relações maritais/uniões de facto, e negligenciou outros contextos relacionais, entre os quais a violência no namoro (Caridade & Machado, 2006; Caridade & Machado, 2013).

Em 1981 surge uma investigação pioneira desenvolvida por James Makepeace, com o objetivo de avaliar a prevalência e natureza do fenómeno da violência nas relações íntimas, concluindo-se que um em cada cinco estudantes universitários era afetado por esta problemática e que 61% conheciam jovens com experiências íntimas violentas. Os resultados desta investigação deram origem a um crescente interesse em torno da temática da violência no namoro.

Um estudo mais recente realizado por Miller (2011) revelou que um em cada quatro estudantes universitários estava envolvido num relacionamento íntimo violento, e que experienciou dois ou mais atos violentos.

No que diz respeito à investigação sobre esta temática a nível nacional, Machado, Matos e Moreira (2003) concluíram que 15.5% dos estudantes universitários foram vítimas de violência nas relações íntimas e 21.7% perpetraram atos violentos contra o parceiro. Num estudo realizado por Oliveira e Sani (2005) com estudantes

universitários, as autoras verificaram que 52% praticaram pelo menos um ato violento contra o parceiro e 42% foram vítimas de pelo menos um ato violento, no que diz respeito às relações íntimas atuais. Relativamente às relações passadas, 33% perpetraram pelo menos um ato e 41% foram vitimadas pelos parceiros.

Relativamente às tipologias da violência nas relações íntimas juvenis, Paiva e Figueiredo (2004) referem que o abuso psicológico foi o mais referenciado pelos participantes (53.8%), quer ao nível da vitimação como da perpetração, seguindo-se a coação sexual (18.9%) e por fim o abuso físico (16.7%).

Mais recentemente, Caridade (2011) realizou um estudo com 4667 jovens com idades compreendidas entre os 13 e os 29 anos a frequentar diferentes níveis de ensino (secundário, universitário e profissional), e concluiu que 27.3% dos inquiridos relataram ter sido vítimas de violência e 26.8% relataram ter perpetrado atos violentos. O abuso emocional constitui-se como o tipo de violência mais referenciado, tanto pelas vítimas como pelos agressores.

A violência nas relações de intimidade pode constituir-se como um fator de risco para o aparecimento de perturbações psicológicas ou físicas, o que resulta na deterioração da qualidade de vida das vítimas (Paiva & Figueiredo, 2005). Callahan, Tolman e Saunders (2003) referem que a vitimação nas relações de intimidade está associada a baixos níveis de bem-estar psicológico, contribuindo de forma significativa para o desenvolvimento de perturbações de stress pós-traumático e dissociação nas raparigas e ansiedade, depressão e perturbações de stress pós-traumático nos rapazes.

Apesar de se verificar um significativo desenvolvimento na investigação científica sobre a temática da violência nas relações íntimas juvenis, tanto a nível internacional como nacional, os estudos centram-se maioritariamente na prevalência e fatores de risco associados ao fenómeno. Assim, e para uma melhor compreensão das dimensões que

esta problemática engloba, torna-se pertinente proceder à exploração das estratégias de *coping* utilizadas pelas vítimas para fazer face ao impacto causado pela violência nas relações amorosas.

O *coping* é definido por Folkman e Moskowitz (2004) como o conjunto de pensamentos e comportamentos utilizados para fazer face às exigências internas e externas despoletadas por situações percecionadas pelos sujeitos como stressantes.

Existem dois tipos de estratégias de *coping*, o *coping* direcionado para a resolução do problema e o *coping* direcionado para as emoções. A primeira consiste em dar resposta à situação causadora de stress (e.g. elaborar um plano de ação, procurar auxílio) e é considerada como uma estratégia de *coping* adaptativa (Folkman & Moskowitz, 2004), e a segunda consiste em evitar o problema através de esforços comportamentais e cognitivos (e.g. autculpabilização e negação), estando associada ao desenvolvimento de problemas psicológicos (Taylor & Stanton, 2007).

Objetivos

Uma vez que não existem estudos em Portugal sobre esta temática, a presente investigação tem como principal objetivo caracterizar as estratégias de *coping* utilizadas pelas vítimas para fazer face ao impacto da violência nas relações íntimas. De forma mais específica pretende-se:

i) Conhecer e caracterizar as vivências amorosas abusivas dos adolescentes (tipo de abuso sofrido, contexto de ocorrência das dinâmicas abusivas, reações apresentadas e pedidos de ajuda);

ii) Caracterizar o (des)ajustamento psicossocial dos participantes que admitiram ter sofrido algum tipo de violência, nos últimos 12 meses;

iii) Caracterizar as estratégias de *coping* utilizadas pelos participantes que admitem ter sofrido algum tipo de violência nas suas relações íntimas, nos últimos 12 meses;

iv) Analisar a relação entre as variáveis sociodemográficas (e.g. idade, sexo, habilitações literárias), o abuso íntimo sofrido e o (des)ajustamento psicossocial;

v) Analisar a relação entre as variáveis sociodemográficas (e.g. idade, sexo, habilitações literárias), a vitimação e as estratégias de *coping* utilizadas.

Método

Na presente investigação será utilizado o método quantitativo, sendo o estudo de carácter exploratório, transversal, descritivo e correlacional do fenómeno, e sustentada pela técnica do questionário.

Participantes

O estudo incluirá uma amostra intencional não-probabilística constituída por jovens de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 18 e 25 anos, que estejam ou já tenham estado envolvidos numa relação amorosa, nos últimos 12 meses (critério de inclusão). Não poderão integrar a amostra, jovens com idades inferiores a 18 anos, que nunca tenham estado envolvidos numa relação amorosa (critério de exclusão).

Instrumentos

Para a recolha de dados serão administrados dois instrumentos: o Questionário sobre Vivências Amorosas Abusivas (QVAA) e o Brief COPE (anexos A e B).

O QVAA, construído por Caridade e Santos (2014), tem como objetivo conhecer as experiências de violência existentes nas relações amorosas e o seu impacto na vida dos jovens. Este questionário é constituído por cinco secções: a primeira secção é destinada

à caracterização sociodemográfica dos participantes (e.g. idade, sexo, ano de escolaridade), seguindo-se a caracterização da situação relacional (e.g. estado da relação, duração e tipo de relação); na terceira secção procura caracterizar-se o funcionamento pessoal e/ou familiar dos participantes (e.g. consumo de substâncias, experiências de vitimação passadas, violência em contexto familiar); a quarta secção destina-se à caracterização das vivências amorosas dos participantes (e.g. vitimação/perpetração de violência na intimidade, impacto da violência), e por último a secção relativa a sugestões (e.g. sugestões para outros jovens lidarem com situações de violência). Na presente investigação, a secção três relativa ao funcionamento pessoal e/ou familiar não será utilizada, uma vez que não se considera ser relevante para o estudo.

O Brief COPE trata-se de uma versão reduzida do COPE de Carver, Scheier e Weintraub (1989), adaptado e validado para a população portuguesa por Pais Ribeiro e Rodrigues (2004), e tem como objetivo avaliar estilos e estratégias de *coping*. É constituído por 28 itens agrupados em 14 dimensões: *coping* ativo (itens 2 e 7), planear (itens 14 e 25), reinterpretação positiva (itens 12 e 17), aceitação (itens 20 e 24), humor (itens 18 e 28), religião (itens 22 e 27), utilização de suporte emocional (itens 5 e 15), utilização de suporte instrumental (itens 10 e 23), autodistração (itens 1 e 19), negação (itens 3 e 8), expressão dos sentimentos (itens 9 e 21), uso de substâncias (itens 4 e 11), desinvestimento comportamental (itens 6 e 16) e autculpabilização (itens 13 e 26).

A resposta a cada um dos itens do questionário é feita através de uma escala ordinal com quatro alternativas (de 0 a 3), sendo que o zero representa “nunca faço isto” e o três representa “faço sempre isto”. O resultado final origina um perfil e não uma nota total, ou seja, não é feito um somatório das subescalas do questionário. O estudo da consistência interna do instrumento, com recurso ao Alfa de *Cronbach*, demonstrou que

somente uma das dimensões do questionário (aceitação) apresenta um valor de consistência interna abaixo do limiar dos 0.60 (Pais Ribeiro & Rodrigues, 2004).

Procedimentos

Para a realização deste estudo foi solicitada autorização aos autores do Brief COPE e do QVAA para a publicação e administração do instrumento online (cf. anexos C e D), tendo-se obtido resposta positiva nesse sentido (cf. anexo E). O protocolo de investigação será ainda submetido à Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa, para aprovação do estudo.

Após obter autorização dos autores do instrumento e aprovação da Comissão de Ética para realização do estudo, os instrumentos serão disponibilizados numa plataforma online, juntamente com o consentimento informado (cf. anexo F) e descrição do estudo. Na primeira parte do questionário serão dados a conhecer aos sujeitos os objetivos do estudo, bem como o carácter voluntário e anónimo da sua participação. Na segunda parte serão aplicados os instrumentos escolhidos para aferir a vitimação (QVAA) e as estratégias de *coping* utilizadas pelas vítimas (Brief COPE). No final do questionário serão apresentadas aos participantes algumas linhas de apoio em casos de violência (e.g. APAV, UMAR), às quais poderão recorrer caso entendam ser necessário. Importa ainda salientar que o tempo médio de preenchimento do questionário será de cerca de 30 minutos.

A divulgação do estudo tendo em vista a recolha de dados será feita através das redes sociais e também por e-mail, possibilitando chegar a um maior número de sujeitos.

Análise estatística/análise de dados

O tratamento estatístico dos dados recolhidos será feito com recurso ao programa informático *Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)* versão 22 para *Windows*.

Cronograma

	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro
Revisão de literatura				
Solicitação das autorizações				
Publicação do questionário				
Recolha de dados				
Tratamento dos dados				
Análise estatística				
Elaboração da dissertação				

Referências

- Callahan, M., Tolman, R., & Saunders, D. (2003). Adolescent dating violence victimization and psychological well-being. *Journal of Adolescent Research, 18*(6), 664-681.
- Caridade, S. (2011). *Vivências íntimas violentas: Uma abordagem científica*. Coimbra: Almedina.
- Caridade, S., & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica, 24*(4), 485-493.
- Caridade, S., & Machado, C. (2013). Violência nas relações juvenis de intimidade: Uma revisão da teoria, da investigação e da prática. *Psicologia, 27*(1), 91-113.
- Folkman, S., & Moskowitz, J. (2004). Coping: Pitfalls and promise. *Annual Review of Psychology, 55*, 745-774.
- Hickman, L., Jaycox, L., & Aronoff, J. (2004). Dating violence among adolescents: Prevalence, gender distribution, and prevention program effectiveness. *Trauma, Violence, & Abuse, 5*, 123-142.
- Machado, C., Machado, M., & Moreira, A. (2003). Violência nas relações amorosas: Comportamentos e atitudes na população universitária. *Psychologica, 33*, 69-83.
- Makepeace, J. (1981). Courtship violence among college students. *Family Relations, 30*(1), 97-102.
- Miller, L. (2011). Physical abuse in a college setting: A study of perceptions and participation in abusive dating relationships. *Journal of Family Violence, 26*, 71-80.
- Oliveira, M., & Sani, A. (2005). Comportamentos dos jovens universitários face à violência nas relações amorosas. In B. D. Silva & L. S. Almeida (Coords.), *Atas do VIII Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia*. (pp. 1061-1074). Braga: Centro de Investigação em Educação.

Pais Ribeiro, J., & Rodrigues, A. (2004). Questões acerca do coping: A propósito do estudo de adaptação do brief cope. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 5, 3-15.

Paiva, C., & Figueiredo, B. (2004). Abuso no relacionamento íntimo: Estudo de prevalência em jovens adultos portugueses. *Psychologia*, 36, 75-102.

Paiva, C., & Figueiredo, B. (2005). Abuso no relacionamento íntimo e estado de saúde em jovens adultos portugueses. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 5(2), 243-272.

Taylor, S., & Stanton, A. (2007). Coping resources, coping processes, and mental health. *Annual Review of Psychology*, 3, 377-401.

Anexos

Anexo C

Excelentíssimo Sr. Professor Doutor

José Luís Pais Ribeiro

Assunto: Solicitação de autorização para uso de questionário.

O meu nome é Ana Patrícia da Silva Santos, sou licenciada em Psicologia Criminal pelo Instituto Superior Ciências da Saúde Egas Moniz sob a coordenação da Professora Doutora Cristina Soeiro e neste momento encontro-me a frequentar o 2.º ano de Mestrado em Psicologia Jurídica na Universidade Fernando Pessoa sob coordenação da Professora Doutora Ana Sani. O segundo ano do mestrado é constituído pela dissertação e pelo estágio sendo que o tema de dissertação por mim escolhido foi: “**(Des)ajustamento psicossocial e estratégias de *coping* em vítimas de violência nas relações íntimas juvenis**”, a qual será realizada sob a orientação da Professora Doutora Sónia Caridade da Universidade Fernando Pessoa e do Professor Doutor Jorge Cardoso do Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz. Atendendo a que um dos meus objetivos da investigação passa por analisar quais as estratégias de *coping* utilizadas pelas vítimas para fazer face ao impacto da violência, venho por este meio solicitar a sua autorização para utilizar o Brief COPE, adaptado e validado pelo Sr. Professor para o contexto português. Mais informo que pretendemos efetuar a recolha de dados via online, caso entenda que tal é possível.

Agradeço desde já a melhor atenção que possa dar a este assunto e encontro-me disponível para prestar os esclarecimentos que entenda necessários, deixando assim o meu contacto telefónico 914 905 794.

Os meus melhores cumprimentos,

Ana Santos

Anexo D

Excelentíssima Sra. Dra.

Maria Rosa Santos

Assunto: Solicitação de autorização para uso de questionário.

O meu nome é Ana Patrícia da Silva Santos, sou licenciada em Psicologia Criminal pelo Instituto Superior Ciências da Saúde Egas Moniz sob a coordenação da Professora Doutora Cristina Soeiro e neste momento encontro-me a frequentar o 2.º ano de Mestrado em Psicologia Jurídica na Universidade Fernando Pessoa sob coordenação da Professora Doutora Ana Sani. O segundo ano do mestrado é constituído pela dissertação e pelo estágio sendo que o tema de dissertação por mim escolhido foi: “**(Des)ajustamento psicossocial e estratégias de coping em vítimas de violência nas relações íntimas juvenis**”, a qual será realizada sob a orientação da Professora Doutora Sónia Caridade da Universidade Fernando Pessoa e do Professor Doutor Jorge Cardoso do Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz. Atendendo a que um dos meus objetivos da investigação passa por conhecer e caracterizar as vivências amorosas abusivas dos adolescentes, venho por este meio solicitar a sua autorização para utilizar o Questionário sobre Vivências Amorosas Abusivas (QVAA), construído e validado pela Sra. Dra. Mais informo que pretendemos efetuar a recolha de dados via online, caso entenda que tal é possível.

Agradeço desde já a melhor atenção que possa dar a este assunto e encontro-me disponível para prestar os esclarecimentos que entenda necessários, deixando assim o meu contacto telefónico 914 905 794.

Os meus melhores cumprimentos,

Ana Santos

Anexo E



UNIVERSIDADE
FERNANDO PESSOA
www.ufp.pt

Ana Patricia da Silva Santos <33033@ufp.edu.pt>

Solicitação de autorização para utilização de questionário

José Luis Pais

Ribeiro <jlpr@fpce.up.pt>

29 de outubro de 2015 às 19:41

Para: Ana Patricia da Silva Santos <33033@ufp.edu.pt>

Cara colega

Autorizo o uso do brief COPE

Cordialmente

José Luís Pais Ribeiro

jlpr@fpce.up.pt

mobile phone: (351) 965045590

web page: <http://sites.google.com/site/jpaisribeiro/>

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-2882-8056>

ResearchGate- https://www.researchgate.net/profile/Jose_Pais-Ribeiro/publications



UNIVERSIDADE
FERNANDO PESSOA
www.ufp.pt

Ana Patricia da Silva Santos <33033@ufp.edu.pt>

Solicitação de autorização para utilização de questionário

Sonia Caridade <soniac@ufp.edu.pt>

3 de novembro de 2015 às 19:35

Para: Ana Patricia da Silva Santos <33033@ufp.edu.pt>

Cc: Jorge Cardoso <jorgecardoso.psi@gmail.com>

Cara Ana Santos,

Para os devidos efeitos, autorizamos o uso do Questionário sobre Vivências Amorosas Abusivas (QVAA), bem como a disponibilização do mesmo online.

Melhores cumprimentos,

--

Sónia Caridade, PhD

Professora Auxiliar/Assistant Professor

Co-coordenadora da Unidade Psicologia Forense da CPP

FCHS, Universidade Fernando Pessoa

Praça 9 de Abril, 349

4249-004

Porto - Portugal

<http://www.ufp.pt/>

<http://opvcufp.com/>

<https://www.facebook.com/ObservatorioPermanenteViolenciaeCrime>

<http://www.degois.pt/visualizador/curriculum.jsp?key=9838343993397640>

